

SACOLA VIAJANTE: A LEITURA EM MOVIMENTO

Vera Lúcia da Silva SOARES¹

Resumo

Sacola viajante é um projeto que busca estimular a experiência da leitura no ambiente doméstico, visto que os estudantes, ao levar os livros para casa, podem lê-los com a família. O objetivo é fazer, pois, com que a leitura ultrapasse os portões escolares. Com a perspectiva de ser colocado em prática durante todo o ano letivo de 2015, o projeto tem como foco as atividades de leitura e escrita como ponte entre o saber e o prazer, incentivando e ampliando o gosto e o despertar pela leitura.

Palavras-chave: Leitura; Ensino Fundamental; PNAIC.

Introdução

O trabalho com o *Sacola viajante* contribuiu para a produção deste relato, solicitado pela Professora Orientadora de estudos Josilda Lima, que nos orientou a narrar uma experiência vivenciada em nossa turma que tivesse a contribuição dos encontros do Pacto Nacional pela Alfabetização na idade certa². Nesse sentido, utilizei a experiência que estava sendo vivenciada por minha turma de 3º ano do Ensino Fundamental, com idades entre oito e 12 anos, da Escola Municipal Doutor José Carneiro, situada em um bairro nobre de Maceió. A iniciativa consistia em incentivar a leitura diária a fim de contribuir para a evolução do desempenho da leitura e produção linguística.

Para a realização deste projeto, algumas contribuições foram necessárias, como as recebidas durante os encontros realizados no Pacto, embora não tenha participado do primeiro ano de encontros relacionado à Língua Portuguesa, pois não estava lecionando em turma de alfabetização. Contudo, destaco as reflexões suscitadas nos encontros sobre o fazer pedagógico, as quais contribuíram para

¹ Pedagoga, Psicopedagoga e Mestra em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Integrante do grupo de pesquisa *Juventudes, cultura e formação*. Email: verasoares2008@hotmail.com

² O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelos Governos Federal, do Distrito Federal, dos Estados e Municípios a fim de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade ao final do 3º ano do Ensino Fundamental (BRASIL, 2013).

umentar a minha convicção sobre o papel que exerço enquanto alfabetizadora. Nos encontros, compreendi que a alternativa para alcançar sucesso no processo educativo dos meus estudantes perpassa pela minha formação e a ampliação dos meus conhecimentos.

Kramer (2010) destaca a relevância dessa formação, uma vez que é significativa em nosso país a porcentagem de profissionais que só possuem a escolaridade mínima para atuar como professor. De fato, é o que ainda ocorre em várias regiões brasileiras. Corroboro com a posição de Kramer, salientando que se faz necessária a formação contínua para qualificar o profissional. A busca por qualidade na educação deve priorizar, pois, qualificação docente.

Considerando esses aspectos como de suma importância para uma prática de ensino de qualidade, pensei nas estratégias para realizar o trabalho com o projeto *Sacola viajante*. Assim, estabeleci um processo em que os estudantes pudessem participar, apresentando suas ideias, despertando-lhes o gosto pela leitura, pois acredito que “um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas (...)” (SOLÉ, 1998, p.32).

Os leitores se formam a partir da leitura de obras diversas em seus conteúdos, não apenas disciplinares - programados para serem aplicados no decorrer de um ano letivo. Assim, a preocupação do professor deve ser construir um processo que viabilize, além do mero desenvolvimento da leitura de seus estudantes, a construção da compreensão do texto. Para isso, faz-se necessário ir além dos textos prontos encontrados nos livros didáticos, que muitas vezes limitam o conhecimento do aluno.

Desse modo, o presente relato propõe uma reflexão sobre a leitura em contexto que transpassa o ambiente escolar, visto que o hábito de realizar leitura cotidianamente ainda é pouco comum entre as crianças de nossas escolas públicas. É o que se percebe no acompanhamento diário que fazemos dos nossos estudantes. São inúmeras as razões, como baixa escolarização dos pais, falta de recursos financeiros para investimento em livros, que em sua maioria custa caro,

bem como a falta de incentivo, motivação e entendimento sobre a importância do ato de ler diversos gêneros textuais.

Ponto essencial para a realização deste projeto, a saída da zona de conforto das leituras do livro didático através da busca por outros gêneros, trazem à tona aspectos capazes de despertar nos estudantes valores sociais e morais, impulsionando-lhes o senso crítico, pois, no momento do debate sobre determinada ideia apresentada em um livro, a turma se posiciona opinando, discutindo, ampliando, desse modo, os saberes adquiridos na leitura realizada. Com isso, a leitura se torna muito mais que um instrumento escolar, visto que permite ao estudante a compreensão do seu significado na sociedade letrada.

Objetivo

O objetivo principal desse projeto é o de estimular a curiosidade e o desejo do estudante pela leitura, expandindo o seu conhecimento e, por conseguinte, a sua ampliação da visão de mundo, de modo a inseri-lo na cultura letrada, possibilitando-lhe a vivência de emoções e o exercício da fantasia e da imaginação suscitados pelo processo de leitura.

217

Metodologia

O projeto *Sacola viajante* circulará durante o ano letivo de 2015. Através dele, os estudantes terão a oportunidade de levar para casa os livros infantis que fazem parte do acervo do Pacto Nacional pela Educação na Idade Certa, distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) - Obras complementares. Eles terão acesso a uma bibliografia vasta, pois o acervo é composto de 30 obras de diferentes autores, de diversos gêneros textuais.

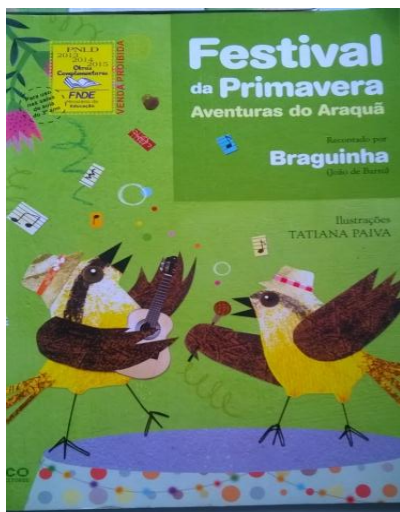


Figura 1- Livro utilizado na sacola
Fonte: Acervo Pacto



Figura 2 - Livros escolhidos para uso na sacola
Fonte: Acervo Pacto



Figura 3 - Livro utilizado na sacola
Fonte: Acervo Pacto



Figura 4 - Livro utilizado na sacola
Fonte: Acervo Pacto

Fazendo uso de uma sacola ilustrada com o nome *sacola viajante*, os estudantes irão ter a oportunidade de levar um livro e um caderno de produção para relatar a ideia central do livro e fazer o desenho de acordo com a interpretação da obra, após a sua leitura. O desenho pode ser, por exemplo, de um personagem, uma cena, etc., ficando a critério do próprio estudante.

<http://www.maceio.al.gov.br/semec/saberes-docentes-em-acao/>



Figura 5 - Sacola Viajante
Fonte: Produzida pela autora

O envio da sacola é feito a cada dois dias. Três estudantes levam a sacola contendo um livro para que possam socializar posteriormente as leituras realizadas. No momento da devolução, o estudante realiza a assinatura no caderno de registro onde consta dados como datas de saída, devolução, recebimento, título do livro e o nome de quem levou a sacola.

219

LIVRO: Se o lixo falasse		SAIDA	DEVOLUÇÃO	RECEBIMENTO	ASSINATURA
01-	Rafael Neves	29/07/15	31/07/15	31/07/15	Gilberto
02-	Kaiane Vitoria	31/07/15	03/08/15	03/08/15	K. K. Lima
03-	Kaia Hanna	03/08/15	05/08/15	06/08/15	KAVA
04-	Samuel Almeida	06/08/15	10/08/15	12/08/15	X SAMUEL
05-	Andressa Nogueira	12/08/15	14/08/15	14/08/15	Andressa
06-	Eduarda	14/08/15	17/08/15	17/08/15	Eduarda unessa
07-	Fabio Lima	17/08/15	19/08/15	19/08/15	FABIO
08-	Juan Pablo	19/08/15	21/08/15	21/08/15	JUAN
09-	Guilherme	01/09/15	03/09/15	04/09/15	Guilherme
10-	Luiz	04/09/15	08/09/15	08/09/15	Luiz
11-	Jonatley	11/09/15	14/09/15	14/09/15	Jonatley
12-	Caio	14/09/15	17/09/15	17/09/15	Caio
13-	Pedro	18/09/15	21/09/15	21/09/15	Pedro
14-	Yuri	25/09/15	28/09/15	28/09/15	YURI
15-	Yuri	28/09/15	30/09/15		

Figura 6 - Página de registro de saída e devolução dos livros
Fonte: Produzido pela autora

O caderno dispõe de uma página que contém a explicação do projeto e os critérios estabelecidos para o manuseio do livro e do caderno e os cuidados

necessários para sua manutenção. Cada estudante tem direito a utilizar uma página do caderno (frente e verso) para seus registros e desenhos.

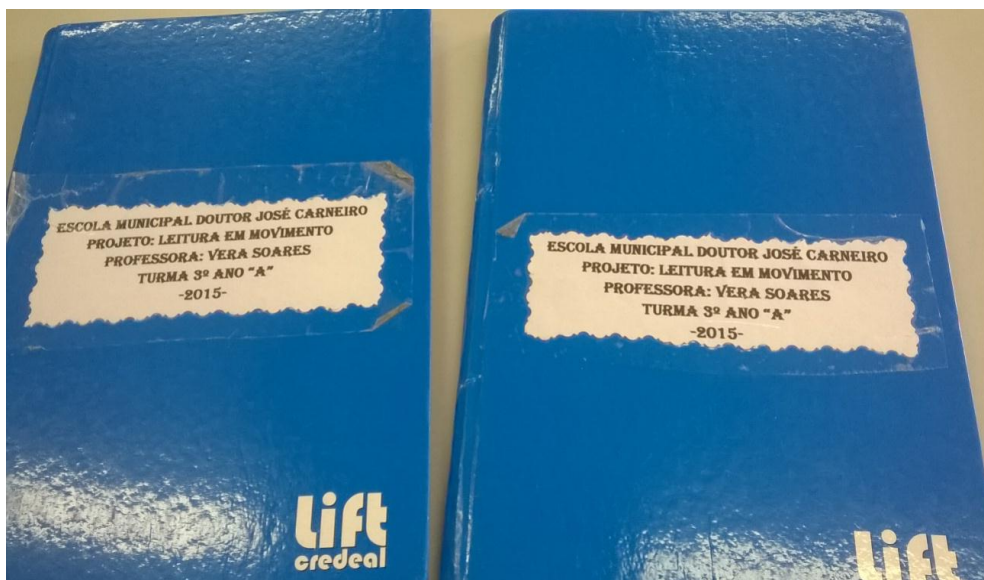


Figura 7- Caderno de registros
Fonte: Produzido pela autora

220

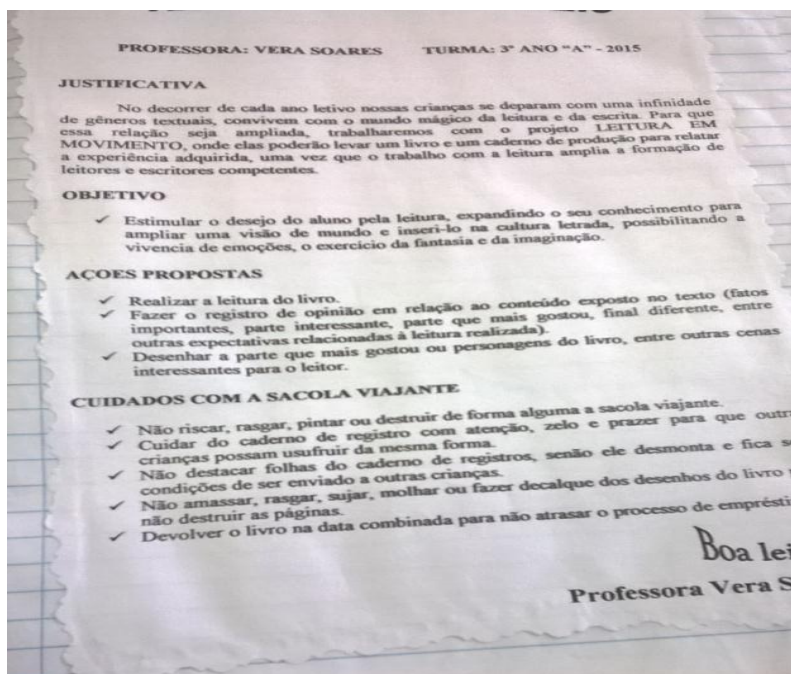


Figura 8 - Página de registros dos cuidados com o caderno
Fonte: Produzido pela autora

<http://www.maceio.al.gov.br/semad/saberes-docentes-em-acao/>

MENTO	ASSINATURA
115	Cliton
115	x K. Liana
115	KAUA
115	x SAMUEL
115	Andréia
115	Eduarda unema
115	FABIO
115	JUAN
115	- Jose
115	Isidoro
115	- Jose
115	Isidoro
115	Caio de Toledo
115	- PEDRO ARTHUR

Figura 9 - Página de assinaturas dos estudantes
Fonte: Caderno de registro



Figura 10 - Página da ilustração
Fonte: Caderno de registro

221

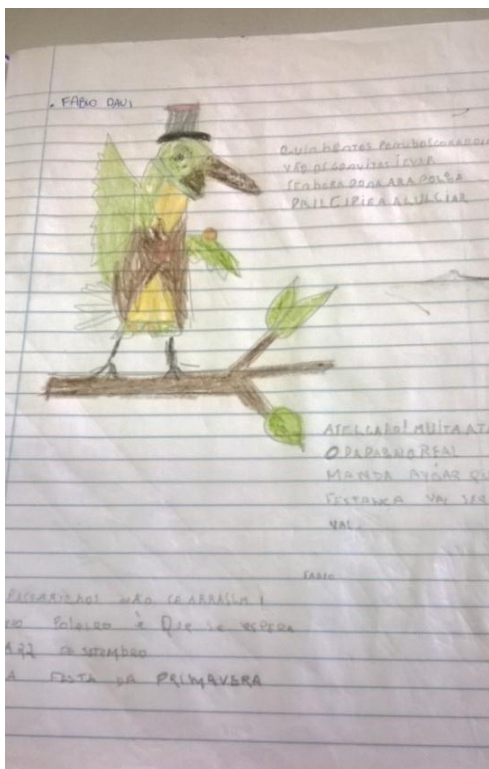


Figura 11- Página de ilustração
Fonte: Caderno de registro

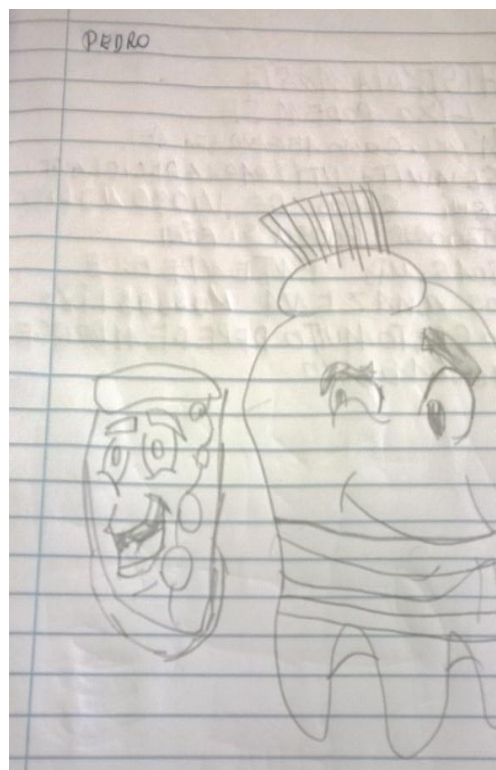


Figura 12 - Página da ilustração
Fonte: Caderno de registro

<http://www.maceio.al.gov.br/semad/saberes-docentes-em-acao/>

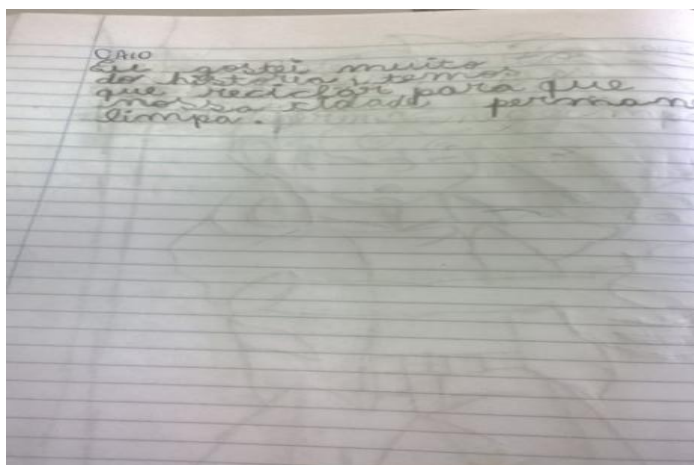


Figura 13 - Página da ilustração
Fonte: Caderno de registro

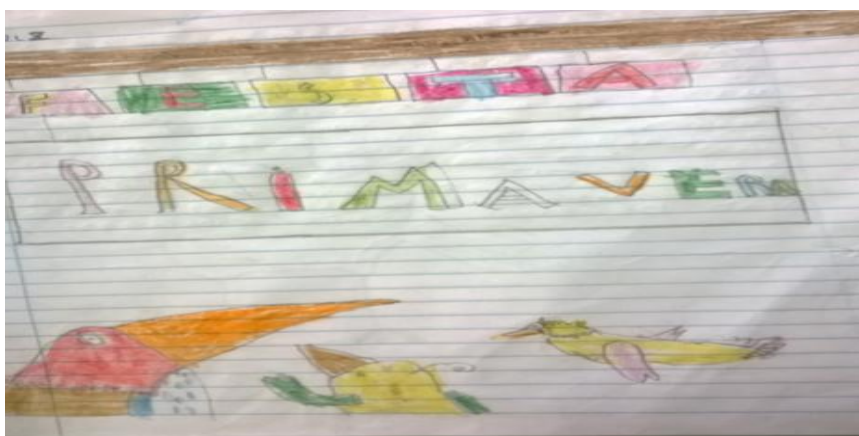


Figura 14 - Página da ilustração
Fonte: Caderno de registro

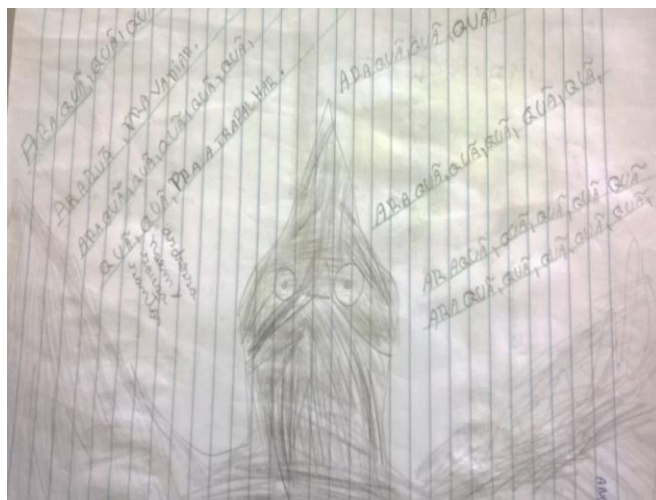


Figura 15 - Página de registro das opiniões dos estudantes sobre a leitura realizada. Fonte: Caderno de registro

Embora todos façam questão de levar a sacola, combinamos que o envio seria feito apenas três vezes por semana, para não cair na comodidade e no desestímulo. Sendo assim, foi preciso estabelecer um critério para a saída da sacola. Os próprios estudantes sugeriram que a regra fosse a de *ordem alfabética*. Achei muito bom; assim, não correria o risco de esquecer alguém ou privilegiar alguns estudantes, mesmo tendo o registro dos nomes no caderno.

Após todos os estudantes realizarem a leitura dos livros, retomamos essa leitura em sala de aula por meio de discussão em torno de aspectos como autores, ideias centrais das histórias, levando em consideração a opinião das crianças e a compreensão da leitura, dentre outros quesitos. Vale lembrar que a meta é incentivar a leitura diária de diversos gêneros textuais.

Gostaria de acrescentar que quando alguém se esquece de devolver a sacola, a discussão sobre os cuidados e a responsabilidade aflora na sala de aula. Com isso, tenho percebido que os estudantes tentam se esforçar para não devolvê-la com atraso. E quando ocorre algum caso de esquecimento, eles mesmos entram em discussão, dizendo que não podem esquecer para não atrapalhar o processo de envio das sacolas e sugerindo regras, como perder a vez na sequência de envio da sacola. Nesses momentos, aproveito para relembrar as regras estabelecidas para o envio do livro.

O projeto *Sacola viajante* tem sido apresentado pelos estudantes como uma atividade muito importante. Eles levam a sacola como se carregassem um troféu. Até o momento, está sendo preservada e bem cuidada; já sofreu uma descostura, pois é feita de TNT, mas foi imediatamente consertada e justificada a sua costura. Assim, nota-se o zelo e a preocupação em relação a sua manutenção, o que é muito gratificante, pois, além do despertar para a leitura, outros aspectos estão sendo adquiridos com o manuseio diário da sacola.

Resultados

A partir da construção desse trabalho, tenho observado que cada vez mais os estudantes fazem questão de levar outros livros para casa. Em outras palavras, constatamos que o prazer pela leitura foi desenvolvido. Assim, corroboramos com a

ideia de que a própria escola, enquanto espaço institucional de “produção de saberes, escolhas didáticas e pedagógicas na alfabetização (...)” (BRASIL, 2012, p.21), ajudam na seleção dos instrumentos do trabalho pedagógico.

Em uma etapa posterior, adotei mais duas estratégias relacionadas ao envio de outros livros para a leitura diária: empréstimo na sala de leitura da escola e empréstimos de histórias em quadrinhos que fazem parte do cantinho da leitura de nossa sala, onde é diariamente visitada pelas crianças.

Sobre a função do professor durante o processo de alfabetização, Kramer observa que:

A definição do papel desempenhado pelo alfabetizador depende da função atribuída à própria alfabetização. Acredito ser essencial reconhecer que a aprendizagem de leitura e da escrita tem fundamentalmente uma função social e cultural (KRAMER, 2010, p.100).

224

Na citação, Kramer destaca a função social da escrita. Eu vou um pouco além, pois tenho percebido que o envio da sacola abrange o desenvolvimento de outros aspectos, como os morais, relacionados à sinceridade nas falas direcionadas aos cuidados de conservação, de entrega, de devolução e até de seu esquecimento em alguma parte da escola. Os estudantes não esperam que alguém fale por eles, visto que, ao chegar à sala de aula, falam o que aconteceu e até pedem desculpas.

Assim, percebo que as crianças estão a todo o momento refletindo sobre suas ações. Portanto, não podem ser vistas como participantes passivos, pois, além da construção de aspectos cognitivos relativos ao processo de leitura e escrita, observamos o despertar de aspectos sociais. Nesse sentido, o projeto mostra a importância da escola ao contribuir para a formação do indivíduo por meio do desenvolvimento comportamental, das habilidades leitoras e escritas e de valores.

Considerações finais

Inicialmente, a intenção do trabalho era apenas favorecer o empréstimo dos livros para que os estudantes pudessem ter acesso a eles fora do espaço escolar.

No entanto, a partir do projeto *Sacola viajante* pude perceber que o nível de leitura dos estudantes, assim como o interesse pela escolha de novas leituras, está sendo determinante no processo de alfabetização dos mesmos.

De outra forma, é possível dizer que a forma atrativa como está sendo desenvolvido o projeto tem contribuído para que as crianças possam se apropriar do sistema de escrita alfabética e do domínio da leitura. Assim, percebo que os estudantes já possuem compreensão de algumas das habilidades que o leitor na idade deles deve construir, a saber: reconhecer finalidades de textos; saber localizar informações explícitas e implícitas em textos de diferentes gêneros; apreender assuntos tratados em diferentes textos; questionar; ler em voz alta. São pontes que constituem a base para o aprofundamento do hábito de ler.

Essas reflexões trazem à tona a importância do fazer pedagógico e da oportunidade para o aprendizado, da relação escola e família e dos valores e saberes a serem construídos ao longo dos empréstimos que ainda serão realizados no decorrer do ano letivo, favorecendo a incorporação dos estudantes ao mundo letrado, garantindo, assim, a efetivação da função social e cultural que a leitura possui. De fato, a experiência da leitura no ambiente doméstico tem garantido o sucesso na aquisição de leitura e escrita dos estudantes do 3º ano em questão.

225

Referências

- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes de apoio à gestão educacional. **Lei nº 12.801 de 24 de abril de 2013**. Dispõe sobre o apoio técnico e financeiro da União aos federados no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na idade certa. Brasília: MEC.
- SEB. 201. Disponível em: < <http://www.portal.mec.br>.> Acesso em 12 de nov. 2015.
- _____. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes de apoio à gestão educacional. **Pacto nacional pela idade certa**: a heterogeneidade em sala de aula e os direitos de aprendizagem no ciclo de alfabetização. Ano 02, unidade 07. Brasília: MEC. SEB. 2012.

KRAMER, Sônia. **Alfabetização, leitura e escrita**: formação de professores em curso. São Paulo: Ática, 2010.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

CONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE JOGOS MATEMÁTICOS EM SALA DE AULA

Rose Mary Silva CAVALCANTE¹

Maryanny Silva CAVALCANTE²

Resumo

O presente estudo trata de um relato das experiências vivenciadas através de um projeto feito na escola Municipal Padre Pinho, pela professora de matemática Rose Mary Cavalcante Silva, com os alunos dos sétimos anos do ensino fundamental. A ideia desenvolvida pela professora teve como objetivo enfatizar a importância da aplicação, e principalmente, da confecção de jogos como forma de desafio e motivação na aprendizagem, visto que os jogos como instrumentos didáticos podem ser relacionados com conteúdos abordados durante o tempo acadêmico, sendo assim, objeto de construção de um conhecimento mais interpretativo e visual. Nessa direção, as lacunas de dificuldades anteriores podem ser rompidas e proporcionar um melhor aproveitamento nas aulas e na vida social de cada discente.

Palavras-chave: Ensino de matemática, Jogos, Construção, Aprendizagem de conceitos.

227

Introdução

A matemática é uma disciplina que tem gerado dúvidas e temores perante os alunos, resultando assim em desinteresses e possíveis reprovações. É comum observar nas escolas um ensino mais tradicional, que o professor passa as informações e os alunos teoricamente as absorvem. Porém, apenas dessa maneira o discente não consegue se apropriar dos conceitos e relaciona-los com ideias dos contextos, para assim construir uma consciência própria em relação aos assuntos propostos.

Hoje as escolas públicas estão em um processo de conquista, almejando mudanças significativas, na estrutura, no ensino e aprendizagem, e isso se dá pelo fato de que as informações não estão sendo aproveitadas de forma satisfatória pelos

¹ Pós graduada e professora da Escola Municipal Padre Pinho. Email: rojoana@ig.com.br.

² Estudante da licenciatura em matemática, IFAL. Email: nunesanny@hotmail.com .

alunos, fazendo com que os docentes busquem através de novos recursos superar as lacunas que surgem ao longo do tempo acadêmico dos alunos, como também, da estrutura física das escolas, no intuito de provocar o interesse e a participação dos alunos.

A maior preocupação de um docente da matemática deve ser, levar o conhecimento necessário para que os alunos possam se desenvolver e buscar aplicações daquilo que foi aprendido, para a vida prática, pois se estes entenderem a importância do conhecimento adquirido ao longo da vida, poderão fazer a diferença no meio que vivem, praticando atos de cidadania, incorporando a ideia de que a matemática não é difícil ou complicada.

Um dos desafios da Matemática é o fato dela ser uma matéria acumulativa, ou seja, os conhecimentos abordados em cada etapa são indispensáveis na subsequente de forma que, esta realidade reflete em conflitos de aprendizagem ao longo da vida acadêmica, visto que, conteúdos não compreendidos durante um ano comprometem o rendimento posterior, gerando desmotivação. Por essa razão, e pensando em criar mecanismos de resgate da motivação pela matemática, foi desenvolvido no sétimo ano da Escola Municipal Padre Pinho, o projeto “jogos didáticos na matemática”, teve como objetivo a confecção de jogos, alguns já propostos, outros inéditos, visando de forma lúdica reconstruir conceitos já abordados pela professora. Nessa premissa, com a orientação da professora os alunos pesquisaram as origens e as finalidades dos já existentes e, posteriormente, socializaram entre eles e com a professora os conhecimentos adquiridos, na intenção de proporcionar a compreensão de conceitos matemáticos.

Ensino de matemática: Os jogos como recursos didático

Dentro das dificuldades observadas no ensino da matemática o uso da linguagem na resolução de problemas é evidente. Percebe-se que os discentes não conseguem entender e nem associar o conteúdo matemático ao contexto das questões, para assim resolvê-las, fato que advém também de uma má formação

anterior, levando aos professores o desafio didático para conquistar um melhor aprendizado dos alunos. Para Pais (2008, p. 59) “O desafio didático consiste em estudar estratégias que possam contribuir nas transformações desse saber cotidiano para o saber escolar, preparando caminho para a passagem ao plano da ciência” . Então, o professor deve procurar aplicar atividades ou jogos que possam resgatar o conhecimento já existente no aluno, e com isso introduzir gradativamente meios para reconstruir e construir conceitos, estimulando sempre a autonomia do saber por parte do aluno, para que ele possa transformar o usual em um aproveitamento intelectual.

A melhor forma de ganhar a atenção do discente é fazendo algo que os desafie e estimule. Nessa direção, querer buscar além do que é disponibilizado em sala de aula. De acordo com Polya:

O problema pode ser modesto, mas se ele desafiar a curiosidade e puser em jogo as faculdades inventivas, quem o resolver pelos seus próprios meios experimentará a tensão e gozará o triunfo da descoberta. Experiências tais, numa idade susceptível, poderão gerar o gosto pelo trabalho mental e deixar, para toda a vida, a sua marca na mente e no caráter. (POLYA, 1994. p. 1).

229

É importante estimular e deixar o aluno desenvolver as atividades e quanto mais cedo essa prática se iniciar, melhor o resultado final, levando a um interesse e gosto maior pela matéria, pois apenas dessa forma eles criarão independência.

Os jogos são importantes nessa fase do aprendizado, pois podem proporcionar uma forma mais divertida de atividade complementar. Através dos jogos são o professor pode criar e explorar novas realidades, buscando sempre uma melhor interação do aluno com a matéria, saindo um pouco da rotina. Como fala Pais (2008, p. 56) “No plano didático, não podemos ter a ilusão de que os conceitos matemáticos possam ter de início, para o aluno, o significado abstrato, geral e universal que lhe remete ao saber científico.”

Um docente da área de matemática não pode supor que seus alunos consigam entender os assuntos apenas com conceitos e fórmulas, eles precisam associar com algo que já conheçam, precisam “visualizar” para poder construir

ideias. A necessidade de um jogo bem construído e aplicado no momento certo pode de forma lúdica facilitar o desenvolvimento social e intelectual do discente, tornando a matemática mais atrativa. Ademais, essa atividade visa proporcionar uma melhor interação entre a matéria e o indivíduo, aproximando-o a linguagem matemática e a realidade, melhorando assim a sua autoconfiança para produzir conhecimentos, tanto práticos como teóricos, referentes aos assuntos abordados. Também é importante enfatizar a necessidade da troca de conhecimento entre aluno e professor. Como diz Paulo Freire (1997, p. 25), não existe “docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Assim percebe-se que, o aprendizado não é unilateral, engana-se aquele docente que acha que esta apenas passando o conhecimento e não recebendo nada em troca.

230

O conhecimento como fonte de desenvolvimento social

O mundo está em constante desenvolvimento, a cada dia é consagrada uma nova tecnologia que promete promover uma interação maior com o homem, facilitando assim o desenvolvimento social. Todavia observa-se que mesmo tendo essas possibilidades mais abrangentes, a realidade dos docentes das escolas públicas é de procura por mecanismos concretos para conseguir ganhar o interesse do aluno, tal questão se dá pelo fato de que as informações estão ficando muito mais mecânicas e rápidas e, muitos professores não conseguem acompanhar essa evolução como também os discentes não aproveitam os meios que lhes são conferidos para a produção de conhecimento. Também existe o fato de que a estrutura de muitas escolas está abaixo da necessária, não proporcionando materiais para a confecção de atividades diversas, gerando um desestímulo por parte dos professores e dos alunos. Como fala Khan:

<http://www.maceio.al.gov.br/semmed/saberes-docentes-em-acao/>

O mundo está mudando num ritmo cada vez mais rápido, mas as mudanças sistemáticas, quando ocorrem, apresentam um movimento lentíssimo e muitas vezes na direção errada; todo dia – em cada aula – a defasagem entre o que é ensinado às crianças e o que elas de fato precisam aprender se torna maior. (KHAN. 2013. p. 10).

Portando a maior parte dos alunos sentem dificuldades de conseguir aprender os assuntos necessários para o desenvolvimento escolar, o que leva o desestímulo e a desproporção com os avanços globais, porém essa realidade alarmante não se finda nos resultados obtidos na escola, mas sim, na observação intelectual e social de cada indivíduo, que serão os trabalhadores do futuro. Nesse contexto, Khan afirma:

Ainda mais preocupante é que muita gente parece ignorar o ato básico em torno do qual gira a crise. Não se trata de índices de aprendizado nem de resultados em provas. Trata-se do significado de tudo isso para a vida das pessoas. Trata-se de potencial realizado ou desperdiçado, dignidade viabilizada ou negada. (KHAN. 2013. p. 11).

231

Por essa razão, o acesso ao conhecimento é direito e dever de todos, e este ajuda a diminuir as desigualdades dentro de uma sociedade, onde o desenvolvimento intelectual individual de cada um pode proporcionar oportunidades acadêmicas, realizando assim as funções sociais, amenizando a exclusão social e promovendo assim a cidadania. Segundo Khan:

[...] Todavia, o que realmente importa é se o mundo terá uma população capacitada, produtiva, realizada nas gerações que estão por vir, uma população que alcance plenamente seu potencial e que possa arcar com significativamente com as responsabilidades de uma democracia verdadeira. (KHAN. 2013. p. 13).

A maior preocupação na educação hoje é gerar indivíduos detentores do conhecimento, capazes de se desenvolver e produzirem respostas dentro de uma sociedade competitiva, esse questão constitui grande responsabilidade para a escola e para os professores, pois estes terão que auxiliar de forma equilibrada e contínua essa educação intelectual para a formação cidadã.

Jogos didáticos na matemática: abordando um projeto disciplinar

O projeto que teve como foco desenvolver um ensino mais dinâmico da Matemática, tendo como público alvo alunos do sétimo ano da Escola municipal Padre Pinho, nessa direção a construção de conceitos partindo de ideias lúdicas que proporcionassem a compressão da linguagem matemática. Foi o caminho escolhido visando enfrentar as deficiências provenientes das séries anteriores, bem como a influência negativa desse fato no aprendizado dentro da série em curso.

Através de encontros, oficinas e jogos didáticos, dentro das salas de aula, foi possível explorar alguns jogos e trabalha-los dentro da realidade dos alunos, tornando assim a aprendizagem mais prática e visual.

Motivos da realização do projeto

A escolha desse projeto se concretizou pela observação das dificuldades encontradas nas salas de aulas perante os conteúdos matemáticos já vistos em séries anteriores. Outra questão relevante a ser destacada trata da necessidade do desenvolvimento do raciocínio lógico necessário para as resoluções de questões.

Durante um processo de observação do andamento e desenvolvimento de cada aluno na sala de aula dos sétimos anos, foram constatadas inúmeras dificuldades de aprendizagem de conteúdos, bem como, das relações com a linguagem matemática necessária, o que gerava incompreensões. O uso de questões e atividades relacionadas aos jogos proporcionou possibilidades que despertassem o interesse, o que pareceu mais adequado para a introdução do conteúdo, fazendo com que os por quês da ciência Matemática aos poucos se desmistificassem, a partir da possibilidade de relacionar o contexto escolar com as práticas do cotidiano.

Desenvolvimento do projeto

As dinâmicas proporcionadas pelo uso de jogos foram desenvolvidas a partir das necessidades que foram detectadas diante de observações em sala de aula. Ao longo do projeto algumas foram modificadas, tomando como parâmetro o desenvolvimento de cada aluno envolvido.

A turma participante teve como característica, alunos da classe média baixa, com uma faixa etária entre 12 a 14 anos, ou seja, uma turma com uma mistura de idades e culturas, advindas de parcela carente da sociedade.

Inicialmente alguns jogos foram indicados pela professora, dos quais: a dama, que tem por objetivo “capturar” todas as peças adversárias, trabalhando o conceito de raiz quadrada; O dominó, que trabalha a multiplicação; O fecho caixa relacionando com a soma dos números; A torre de Hanói na ideia de potenciação; A mancala na contagem e estratégia. Todos esses jogos já existentes foram relacionados com os conteúdos abordados pela professora durante as aulas.

Cada grupo de cinco alunos escolheu um jogo, e deste pesquisaram sua origem e utilidade na matemática. Logo após, o grupo teve que construir manualmente o jogo e explicar aos seus colegas a lógica e a função da atividade lúdica. As atividades propostas sempre supervisionadas pela professora, que estava à disposição para tirar dúvidas e complementar as lacunas de informações necessárias.

Percebe-se ao longo das atividades desenvolvidas que na construção de jogos tem maior relevância na aprendizagem matemática quando associada à aplicação dos mesmos, pois como se pôde observar que quando os discentes constroem por mérito próprio, acabam dando maior importância e relevância às atividades, pois esta não será apenas uma atividade lúdica qualquer, será uma que eles farão da forma que sabem, dando os caprichos ou não, necessários para se orgulharem e possuírem mérito próprio. De acordo com MIORIM e FIORENTINI (SBEM-SP- 1990):

<http://www.maceio.al.gov.br/semad/saberes-docentes-em-acao/>

O material ou o jogo pode ser fundamental para que isso ocorra. Nesse sentido, o material mais adequado, nem sempre, será o visualmente mais bonito e nem o já construído. Muitas vezes, durante a construção de um material, o aluno tem a oportunidade de aprender matemática de uma forma mais efetiva.

Portando, a construção em conjunto com os alunos pode criar uma motivação a mais trazendo os jogos para perto da realidade deles, questão pela qual pode justificar a efetivação desse projeto, a fim de possibilitar o acesso ao conhecimento matemático necessário para a construção de uma nova visão multidisciplinar.

Após a construção, aplicação e socialização entre grupos e professor, foi aberto espaço para que os alunos trouxessem mais jogos, porém, pesquisados por eles mesmos, mostrando aonde a matemática se aplicaria e o motivo da escolha de tal jogo.

Apesar do sucesso que esse projeto teve nas salas dos sétimos anos da Escola Municipal Padre Pinho, esta alternativa não substitui as aulas de conteúdos, para fazer um projeto desse tipo, precisa estar clara a necessidade da aula teórica e de explanação dos assuntos, sendo o projeto uma atividade que complementou tudo que foi dito em sala, visando a fixação dos assuntos propostos de forma mais leve e divertida.

A participação nas atividades e o interesse no processo de identificação de conceitos envolvidos foram úteis para o processo de avaliação na sala, tendo também como importância a relevância desses na busca de novos conhecimentos.

E o resultado foi positivo, pois a maior parte dos discentes contribuíram de forma ativa na realização do projeto, sempre buscando novas informações e sendo desafiados pela professora a expandirem seus conhecimentos. O que se mostrou nas aulas de grande valia, pois a evolução na resolução e interpretação de problemas foi grande, fazendo com que os alunos conseguissem aflorar a imaginação e tentativa, o que já é um grande avanço, visto que nem conseguiam começar uma atividade.

Considerações finais

Os resultados da aplicação do projeto nos sétimos anos foi positivo e ultrapassaram as expectativas, sob vários aspectos. Dentre eles, destaca-se a participação efetiva do grupo. O debate na socialização, bem como a satisfação dos envolvidos. Houve muita empolgação no desenvolvimento dos jogos onde os envolvidos se manifestaram com disposição e alegria no trabalho de confecção dos materiais manualmente, que pouco a pouco, se transformaram em jogos, instrumentos didáticos produzidos por eles.

O ápice dessa atividade foi a aprovação do projeto na VII Bienal da Sociedade da Matemática, realizada no início do mês de novembro em 2014 no Centro Cultural e de Exposições Ruth Cardoso, onde os resultados foram apresentados, proporcionando a um grupo que se destacou no projeto, a participar da experiência sobre os jogos produzidos para expor e competir contra outras escolas, inclusive particulares, que para a surpresa e comoção dos alunos saíram vencedores, e cada um transmitiu com essa vitória a emoção e gratidão pelo voto de confiança da professora Rose Mary Cavalcante Silva, pois com esse ato se mostrou confiante no potencial e sucesso dos alunos. E este fato gerou confiança e estímulo nas crianças participantes, que passaram a acreditar em seu potencial, mesmo estudando em escolas públicas podem se igualar e ao mesmo tempo se destacar diante de qualquer situação, basta ter determinação, foco e alguém para mostrar o caminho do sucesso.

Para um educador não existe nada mais gratificante que o sucesso e a superação de obstáculos por seus alunos. Pois é na realização de sonhos inesperados dos discentes, que o docente sabe que está no caminho certo, independente de lecionar em escola pública ou não. Porém, nas escolas públicas o desafio se torna um pouco maior, por conta de uma estrutura deficitária de algumas escolas e uma realidade muitas vezes chocante. Porém se confiar na educação e dar à chance e os meios para que essas crianças se desenvolvam, elas poderão chegar muito longe.

A utilização das ferramentas lúdicas em sala de aula, principalmente na matemática, serve como facilitador de aprendizagem, pois proporciona a oportunidade de visualizar pelo concreto, para assim compreender o abstrato. Os jogos na matemática podem levar a reflexões, pois, auxiliam no desenvolvimento da imaginação, iniciativa, dentro daquilo que lhe é conferido. Portanto, um jogo bem desenvolvido e aplicado no momento certo pode proporcionar um redirecionamento no processo de aprendizagem de conceitos e na vida social.

Referências

- FIORENTINI, Dario e MIORIM, Maria Ângela. **Uma reflexão sobre o uso de materiais concretos e jogos no ensino da Matemática**. Texto extraído do Boletim da SBEM-SP, n. 7, de julho-agosto de 1990. Disponível em : http://sites.unifra.br/Portals/13/Lisie%20Pippi%20Reis%20Strapason_Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado.pdf . UNIFRA. Acessado em : 02/09/2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p. 25.
- KHAN, Salman. **Um mundo, uma escola: A educação reinventada**. 1º ed. Rio de Janeiro. Intrínseca, 2013.
- PAIS, Luiz Carlos. **Didática da matemática: Uma análise da influência francesa**. 2º ed. Minas Gerais. Autêntica. 2008.
- POLYA, George. **How to solve it**. Universidade de Pinceton, EUA. 1 de Agosto de 1944.



Figura 1 - Exposição do projeto na Bienal, 2014.



Figura 2 - Exposição do projeto na Bienal, 2014.



Figura 3 - Exposição do projeto na Bienal, 2014



Figura 4 - Exposição do projeto na Bienal, 2014



Figura 5 - Exposição do projeto na Bienal, 2014



Figura 6- Realização do projeto na Escola, 2014



Figura 7- Realização do projeto na Escola, 2014



Figura 8- Realização do projeto na Escola, 2014



Figura 9- Realização do projeto na Escola, 2014



Figura 10- Realização do projeto na Escola, 2014

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA: O TRABALHO COM REDE TEMÁTICA

Jaciana de Lima COSTA¹
Adelson Gomes da SILVA²

Resumo

Este trabalho consiste em um relato de experiência que se desenvolveu na Educação de Jovens e Adultos - EJA da Escola Municipal Frei Damião da Rede Municipal de Educação de Maceió. A experiência relatada consiste em uma Sequência Didática realizada desenvolvida no ano de 2012 na área de Matemática com alunos da 4^a, 5^a e 6^a fases da EJA. A partir desse trabalho foi possível perceber resultados como a conscientização dos direitos de ter acesso a serviços básicos e o trabalho com Raciocínio Lógico contribuiu de forma significativa para desenvolver nos alunos da EJA uma outra visão sobre a aprendizagem da matemática.

Palavras-chave: EJA; Sequência Didática; Rede Temática.

Introdução

A experiência que ora apresentamos partiu do trabalho como Rede Temática, proposta metodológica orientada pelo Departamento de Educação de Jovens e Adultos para as escola de EJA do município de Maceió que tem como um dos princípios a concepção de formação permanente baseada na construção de um currículo crítico fundamentado nos pressupostos da Educação Popular fundamentada no pensamento de Paulo Freire, principalmente em seu livro “Pedagogia do Oprimido”.

O trabalho com Rede Temática tem como eixo organizador os temas geradores que por sua vez são construídos a partir de falas significativas que

¹ Professora da Rede Municipal de Educação de Maceió, graduada em Administração de Empresas, pela Faculdade Figueiredo Costa (FIC), especialista em Administração Financeira “Lato Sensu” pela União de Faculdades de Alagoas (UNIFAL), graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Trabalha atualmente na Escola Municipal Frei Damião. jacianacosta@hotmail.com

² Professor da Rede Municipal de Educação de Maceió, graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas, especialista em Educação de Jovens e Adultos pela Escola Superior Aberta do Brasil, mestre em Cooperação para o Desenvolvimento: Planejamento para o desenvolvimento Local pela Universidade de Valência –Espanha e mestrando em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Alagoas. Trabalha atualmente na Escola Municipal Frei Damião. adelson79@hotmail.com

vem da análise da comunidade sobre os principais problemas sociais enfrentados pela comunidade do entorno da escola, a busca dessas falas se dá por meio de uma pesquisa participante.

Vale lembrar que o trabalho com Rede Temática como orientador do currículo escolar é uma sistematização do Professor Antonio Fernando Gouvêa da Silva, do trabalho com temas geradores proposto por Paulo Freire e sistematizado de forma mais específica no terceiro capítulo da Pedagogia do Oprimido.

O trabalho com Rede Temática na escola Frei Damião teve início no ano de 2005 e após um período de interrupção foi retomado em 2010 resultado de uma série de formação continuada com os professores da escola coordenada pelo DEJA.

Para uma melhor compreensão dos leitores, iniciaremos com algumas reflexões sobre as concepções que vem norteando a Educação de Jovens e Adultos e a Educação Popular nos últimos anos, logo em seguida fundamentaremos o trabalho com Rede Temática e por fim apresentaremos o relato de experiência da aplicação desse trabalho em sala de aula.

240

Educação de jovens e adultos e educação popular.

Neste tópico faremos uma reflexão sobre o currículo da EJA e sua relação com a Educação Popular. Para isso, iniciaremos situando a Educação de Jovens e Adultos dentro de uma concepção de educação crítica.

A educação crítica na perspectiva de Paulo Freire se materializa em toda sua construção teórica, mas de forma mais específica na Pedagogia do Oprimido.

É nesta obra que Freire aponta para prática pedagógica onde o centro de sua ação seja a conscientização política do educando e a busca da transformação da realidade concreta onde eles estão inseridos. Segundo o autor, essa prática só se torna possível por meio de uma educação problematizadora, diz:

<http://www.maceio.al.gov.br/semmed/saberes-docentes-em-acao/>

a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir 'conhecimentos' e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação bancária, mas um ato cognoscente (FREIRE, 2005, p. 78).

Se a educação não é mais apenas um ato de transmitir conhecimento, cabe aos sujeitos diretamente envolvidos com o processo educacional, principalmente com escolarização da população, reinventar novos processos educativos que busque a superação da condição de simples transmissora de conteúdos que a maioria das práticas de escolarização.

Nesse sentido, o trabalho com Rede Temática tem se apresentado como uma possibilidade para a superação de uma educação "bancária" para uma prática crítica que coloque os sujeitos alunos como protagonistas de seus processos educacionais.

O trabalho com Rede Temática está ligado a uma concepção de currículo que consiste num processo de procuração de novos conhecimentos. A esse respeito Moreira nos diz:

A educação e o currículo não atuam, nessa visão, apenas como correias transmissoras de uma cultura produzida em outro local, por outros agentes, mas são partes integrantes e ativas de um processo de produção e criação de sentidos, e significações, de sujeitos. (MOREIRA, 2008, p.26-7).

Assim sendo, o currículo escolar passa pelo viés político onde não há neutralidade, mas consiste em uma ação consciente e por isso direcionada a devidos fins, pois ao optar por uma concepção de currículo estamos explicitando nossos interesses que são sempre a favor de um determinado grupo social e contra a outros.

Como mencionamos, o trabalho com Rede Temática na Educação de Jovens e Adultos só se tornará possível dentro de uma proposta pedagógica crítica, de uma educação libertadora; não se é possível o trabalho com essa metodologia dentro da concepção de "educação bancária". Sobre isso Silva (2004, p. 16), afirma que:

Portanto, a perspectiva que deve orientar esse processo de construção curricular fundamenta-se em referenciais éticos, políticos, epistemológicos e pedagógicos, na Teoria Crítica e na práxis da Educação Popular e Libertadora, em que o compromisso emancipatório orienta o fazer dialógico na construção de um currículo popular crítico.

Ainda esse mesmo autor o trabalho como Rede Temática como orientadora do currículo da EJA passa por etapas como a pesquisa – participante, seleção das falas significativas, escolha do tema gerador e contra tema, problematização, redução temática e plano de ação.

A pesquisa participante “implica necessariamente a participação, tanto do pesquisador no contexto, grupo ou cultura que está a estudar, quanto dos sujeitos que estão envolvidos no processo da pesquisa” (SOARES 2006, p. 7). Esta abordagem proporciona o diálogo entre duas formas diferentes de ver a realidade. No trabalho com Rede Temática, a pesquisa participante está articulada com três pontos essenciais³: a) os dados quantitativos, levantados previamente em órgãos públicos e entidades sociais, sobre a realidade local; b) a visão da comunidade sobre os problemas vivenciado pelos seus membros e explicitados nas falas coletadas na pesquisa e; c) visão dos educadores que consiste na análise da conjuntura da realidade local.

Após a pesquisa de campo, dar-se a seleção das falas que consideram significativas que possibilitem a problematização e o desencadeamento de aprendizagens significativas.

De forma geral, podemos dizer que toda palavra significativa é um tema gerador, pois é a partir delas que se organizará toda a programação didática da seleção dos conteúdos. Assim podemos dizer que o tema gerador é uma fala significativa que sintetiza a visão dos sujeitos de forma ampla e surge da pesquisa feita na comunidade escolar e apresenta como características um problema significativo com limite explicativo ou contradição diante da explicação da realidade local. Já a construção do contra tema se dá no processo de análise crítica da realidade local, se o tema gerador é a visão da

³ Para aprofundar, ler “Em busca do tema gerador na práxis da educação popular (p.50)” disponível em http://radiocirandeira.files.wordpress.com/2012/01/a_busca_tema_gerador.pdf acessado em 14/05/2014,

comunidade sobre o problema vivenciado, o contra tema é a visão dos educadores, ou seja, é uma análise da realidade, apresentada por meio de uma fala significativa, elaborada fundamentada nos conceitos científicos.

O processo de problematização da fala significativa ou do tema gerador é o desencadeamento do processo dialógico entre educador e educando, a voz deste representada no tema gerador, que tem como objetivo modificar a situação apresentada no início, ou seja, é por meio da problematização que se constrói uma visão crítica da realidade local a fim de transformá-la. Como na prática educativa numa perspectiva da educação popular parte sempre da realidade local para se compreender o contexto global, a problematização também se dá primeiro no âmbito local e depois no âmbito micro e macro da estrutura socioeconômica.

A problematização é feita no plano “local” e no plano “macro”. No plano “local” porque a prática da Educação Popular sempre parte da realidade concreta do educando-educador e por isso, parte-se do local para estabelecer um diálogo com o coletivo que falou o tema gerador. Problematizar no plano “macro” significa buscar refletir sobre o tema gerador e a realidade concreta num sentido amplo, para que o coletivo de educandos-educadores que falou o tema, reflita de forma diferente sobre sua realidade concreta. (SILVA, 2007, p. 73)

243

A redução temática consiste na organização das análises das relações estabelecidas entre as falas/temas geradores e a construção da prática pedagógica.

Portanto, nesse processo de redução temática, sistematizado na rede, a perspectiva é o planejamento de atividades que possibilitem orientar de forma orgânica um plano de ações para a construção da prática da Educação Popular ao relacionar e contextualizar concepções da realidade estudada e os processos / produtos dos conhecimentos abordados (idem, p.22)

A partir das análises entre as temáticas e as dimensões produtivas, sociais e culturais da produção do conhecimento e as relações que se estabelecem entre as estruturas locais, micro e macro da organização social, se organiza em uma rede de relações que parte das particularidades para se compreender a totalidade da organização social.

O planejamento é o momento de, a partir das interpretações da fala da comunidade, organizar os planos de ação para uma intervenção na realidade a

fim de transformá-la. É o momento em que estabelece uma série de diálogos entre as diferentes visões de mundo. De um lado, o saber popular, do outro lado, o conhecimento científico, dois olhares sobre a mesma realidade que dialogam possibilitando a construção de novos conhecimentos. Neste processo o educando passa a ser sujeito de sua própria aprendizagem uma vez que ele é colocado em condições de dialogar com o educador e com as diversas formas de conhecimento; a aprendizagem crítica se dá no diálogo entre realidade, saber popular e saber sistematizado pertinente às necessidades da comunidade. Nesta concepção, o planejamento é composto por três momentos que se articulam entre si. Parte sempre do estudo da realidade local, em seguir busca organizar os conhecimentos a partir de conceitos específicos e analíticos e por fim busca aplicar o conhecimento como forma de intervenção na realidade local.

Práticas de sala de aula: relatos de experiências

244

A experiência que ora apresentamos consiste em uma sequência de atividades de matemática que foi desenvolvida na Escola Municipal de Educação Básica Frei Damião na modalidade de Educação de Jovens e Adultos no ano de 2012.

A escola Frei Damião, está localizada no bairro Benedito Bentes, conjunto Frei Damião, um dos mais populosos bairros da Capital, que segundo o último Censo (2010), tem aproximadamente 220 mil habitantes, localizado na zona periférica de Maceió é considerado um dos bairros mais violentos da cidade, marcado pela pobreza de sua população, por moradia precária e com áreas dominadas pelo tráfico de drogas, apresenta altos índices de homicídios e desemprego em massa. Esses são alguns dos problemas sociais que caracterizam o bairro, problemas que quase sempre são causados pela ausência do estado e precarização da oferta dos serviços públicos.

A escola foi construída no ano de 2002 por reivindicação da comunidade, atendendo hoje, em média, 180 alunos na modalidade de educação de jovens e adultos.

Em seguida apresentaremos todo processo do desenvolvimento da prática que apresentaremos, que vai desde o processo de seleção do tema gerador, passando pelo processo de planejamento até o desenvolvimento das atividades na sala de aula.

O trabalho com rede temática

A Rede Temática da qual foi retirada a fala que serviu de tema gerador para o desenvolvimento da prática que estamos apresentando iniciou no ano de 2010, após uma avaliação da equipe de professores da escola onde sentiram a necessidade realizar uma nova pesquisa de campo, uma vez que a anterior já não atendia as demandas atuais.

Como apresentamos acima, o primeiro passo da elaboração da rede temática consiste em levantamentos dos dados secundários sobre a realidade local, levantamento do perfil sócio econômico dos alunos e a preparação da pesquisa de campo. A equipe da escola se mobilizou com a divisão das tarefas, onde uma parte ficou responsável pelo levantamento dos dados secundários e outras pelo perfil sócio econômico dos alunos.

O levantamento de informações sobre a educação e os alunos da escola, por meio de análise de documentos tais como PPP da escola, ficha individual dos alunos, além disso, houve também um levantamento de informações sobre os indicadores sociais do contexto em que a escola estava inserida, este foi feito basicamente em sites oficiais, tais como IBGE, MEC, MDS, MTE.

Após essa primeira parte, houve uma reunião com os professores para preparar pesquisa de campo, onde foi definido o roteiro de pesquisa.

Cada etapa foi acompanhada pela equipe de técnico do Departamento de Educação de Jovens e Adultos da SEMED, com momentos de formação continuada com os professores desta escola.

A pesquisa de campo

A ida a campo foi organizada em duplas de professores, que saíram para fazer visita na comunidade que fica no entorno da escola a fim de constatarem os principais problemas sociais enfrentados pelos seus moradores.

O momento de contato direto com a comunidade ajudou os professores a romper com uma série de estigmas que foram construídos ao longo da história de nosso país, estigmas que são quase sempre preconceituosos que expressam uma visão negativa da população pobre e negra, principalmente as que moram às margens dos grandes centros urbanos, no caso das favelas. O primeiro sentimento apresentado pela maioria dos professores é de medo, o que causa uma grande resistência em fazer a pesquisa na comunidade. Medo de não ser bem recebido, medo de ser assaltado, de levar um tiro, medo dos usuários de drogas, dos traficantes, medo das pessoas.

Quebrar a resistência dos professores em entrar em contato com a comunidade é o primeiro passo, e muitas vezes é tema de vários encontros de formação dos professores, até o momento em que os professores rompem com o medo resolvem ir à comunidade. Para vencer o medo dos professores é preciso construir uma nova visão das pessoas que moram no entorno da escola, principalmente, romper com a visão de que na favela só moram traficantes, assaltantes, etc., é preciso mostrar que a maioria das pessoas que moram nas favelas é formada por trabalhadores, crianças, jovens, adultos, idosos, enfim, pessoas que como muitas outras foram excluídas dos benefícios das riquezas produzidas em nosso país.

A pesquisa de campo envolveu em média 10 professores, foram realizadas em média 20 entrevistas e coletadas em média 80⁴ falas, que após a análise são retiradas as falas significativas, que a partir de então são consideradas como tema gerador, base para a construção do currículo no trabalho com rede temática.

De posse dos critérios de uma fala significativa, o grupo de professores

⁴ Neste trabalho não vamos apresentar todas as falas coletadas, apenas as que o grupo escolheu como falas significativas.

deram início ao processo de seleção das falas que se tornaram temas geradores. Na ocasião o grupo organizou todas as falas de acordo com categorias, tais como: educação, saúde, transporte, trabalho, moradia e saneamento básico.

Após a análise os professores resolveram selecionar 10 falas para compor a rede temática da escola Frei Damião.

A prática em sala de aula

A experiência do trabalho com Rede Temática apresentada abaixo foi a partir da fala: “A água era faltando, depois o poço que Dudu Holanda colocou a água da gente, nós só vivia nas grotas, nas cacimbas, Dudu Holanda viu o sofrimento mais o Cícero Almeida e resolveu colocar água. Sei que se juntaram e fizeram, que aqui era uma melação”. O limite explicativo identificado pelos professores foi que “serviço público visto como um favor não um direito”, portanto propuseram como contra tema a compreensão de que “a água assim como todos os serviços básicos fosse vista como um direito de todos os cidadãos e dever do Estado e não de um determinado político”.

Partindo dessas informações, a professora de Matemática elaborou uma sequência didática juntamente com a professora de ciências, visto que estavam dentro da mesma área, para trabalhar com os alunos da 4ª, 5ª e 6ª fases da EJA. Onde as temáticas selecionadas foram: Água, distribuição e qualidade. Já a professora de Ciências integrava e complementava o trabalho com as temáticas de saneamento básico e políticas públicas.

O primeiro passo consistiu em apresentar as propostas de trabalho para os alunos e a problematização do tema. Com perguntas como: Como contar o consumo de água em minha residência? O que é um hidrômetro? Quanto eu pago pela água que consumo? O que é tarifa social? De início a ideia era trabalhar sobre a questão do consumo de água na comunidade, analisando contas de água e impostos embutidos que são pagos e muitas vezes não há o conhecimento para que servem e como poderiam ser exigidos.

Contudo, ao lançar a proposta de que cada um trouxesse uma conta de

água para usamos como base de cálculos e análise, grande parte dos alunos afirmou que o abastecimento era feito pelo poço e que poucos pagavam o serviço por meio de talão de água emitido pela Casal. Dando prosseguimento a sequência foi proposto uma pesquisa de campo (tomado os próprios alunos como amostra), sobre a origem da água que abasteciam suas casas, utilizando as variáveis, “água de poço ou abastecimento da casal”.

O trabalho de pesquisa e compilação de dados foi feito de forma sequenciada por turma de acordo com o nível de dificuldade e conhecimentos necessários para realizar as tarefas. Logo, como para fazer a pesquisa inicial e compilar os dados seria necessário cálculos básicos, a tarefa ficou com a 4ª fase, que em grupos de 4 alunos, realizaram a pesquisa em todas as turmas da escola, totalizando 157 alunos entrevistadas. Que responderam se pagavam ou não pelo abastecimento de água, e se o abastecimento era feito pelo poço ou pela casal. Os grupos fizeram planilhas simples (em cartazes) para registrar os dados obtidos, que ao final da pesquisa foram unificados para serem transformados em uma única planilha.

Com o resultado da pesquisa em mãos a professor propôs uma atividade de tabulação e análises dos dados, (o resultado da tabulação está no anexo 1).

A partir desses dados foram trabalhados nas turmas de 4ª fase, conceitos como operações matemáticas básicas, construção, leitura e análise de tabelas e gráficos.

Na 5ª fase partiu-se de questões norteadoras como “quais as vantagens e desvantagens no abastecimento feito pelo poço e pela casal na comunidade? A partir daí propôs-se a construção de cartazes e foram trabalhados conceitos como “operações matemáticas básicas, regra de três, fração, equações, probabilidade e porcentagem.

Nas 6ªs fases foi aprofundado o conceito de tabelas e gráficos, fração, porcentagem, regra de três, culminando com a construção de vários gráficos sistematizando o resultado da pesquisa. Foi também feito um comparativo sobre o abastecimento e valores pagos sob taxa de serviço prestado, seja ao poço ou a casal.

Após as análises verificou-se que a maior parte da comunidade representada pelo alunos eram abastecidos pelo Poço (49,68%), enquanto que o abastecimento feito pela casal foi um pouco inferior (47,76%), outros 2,54% não souberam responder. Contudo, comparando a quantidade de pessoas que pagavam diretamente pelo serviço, fosse ao Poço por meio de taxa ou a Casal por meio de talão, constatou-se que a maioria pagava pelo serviço (52,22%).

Quanto as vantagens do abastecimento feito pela Casal, foram apontados como principais o tratamento da água, enquanto que a principal vantagem apontada como benefício do abastecimento feito pelo poço foi que a água não faltava tanto.

Durante esse trabalho notamos que os alunos tinham uma aversão e de certa forma descrença de que poderiam aprender matemática, pois a mesma era vista como algo difícil e distante de suas realidades. Lembro-me como hoje que ao entrar pela primeira vez em determinada turma uma aluna me recebeu com a seguinte afirmação: “Eu odeio matemática e vou logo avisando que não entra nada na minha cabeça desta matéria”.

Para romper com essa postura por parte dos alunos propomos uma gincana de Raciocínio Lógico onde o objetivo de desenvolver nos alunos habilidades para solucionar problemas a partir do raciocínio lógico. Então foi organizada a I Maratona de Raciocínio Lógico da Escola de Ed. Básica Frei Damião.

Nesse trabalho de quebra de paradigmas toda a escola se engajou, todas as turmas da escola participaram, inclusive o 1º segmento. Dividimos as turmas em 3 níveis, onde participaram da seguinte forma: Nível I: 1ª e 2ª fases; Nível II: 3ª e 4ª fases e Nível III: 5ª e 6ª fases. Os alunos se inscreveram em grupos de 3 e as provas foram divididas em 4 etapas. Sendo 3 Etapas com provas de múltipla escolha, onde foram aplicadas inclusive questões de concursos públicos, e a última etapa com provas práticas que envolviam raciocínio lógico. Em cada nível foram premiados com medalhas 1º, 2º e 3º lugar. E os 3 primeiros lugares de cada nível foram premiados para assistir um filme no cinema em 3D, com os ingressos e lanches pagos. Toda equipe pedagógica (professores e coordenação) contribuiu para premiação.

E a aluna que fez a declaração supracitada, ficou em primeiro lugar no seu nível e retificou sua declaração dizendo que jamais acreditou ser capaz de superar o medo da matemática e aprender de fato.

No final do trabalho desenvolvido ficou claro que a autoestima e a satisfação dos alunos em constatarem que era possível sim aprender matemática e raciocínio lógico de forma prazerosa e eficaz pois havia um sentido em tudo aquilo: o de compreender de forma clara o que acontece em sua comunidade, ou seja, que a matemática tinha utilidade prática para compreender fenômenos de seu cotidiano. Essa foi a maior premiação do trabalho para todos os professores e coordenação da EJA, que mais que uma equipe, foi uma verdadeira família, pois todos se empenharam para modificar a realidade dessa comunidade.

Conclusão

A partir desse trabalho foi possível perceber resultados como a conscientização dos direitos de ter acesso a esses e outros serviços básicos como energia, saneamento básico, etc., e que os políticos quando cumprem seu papel e nos garantem esses direitos não fazem mais que sua obrigação. No final das contas direta ou indiretamente todos pagamos pela garantia desses serviços. E que por isso devemos exigir a prestação desses serviços com qualidade e eficiência.

Já o trabalho com Raciocínio Lógico contribuiu de forma significativa para desenvolver nos alunos da EJA uma outra visão sobre a aprendizagem da matemática, ajudando também para autoestima desses alunos quebrando o estigma de que a matemática era difícil e de que eles não sabiam nem iriam aprender matemática. Prova disso foi que a aluna vencedora da Gincana foi que mais apresentou resistência no início do trabalho dizendo que não sabia matemática.

Referências

APPLE, Michel W. A Política do Conhecimento Oficial: faz sentido a idéia de um currículo nacional?. In: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Currículo, cultura e sociedade** / Antonio Flavio Barbosa Moreira. Tomaz Tadeu da Silva (orgs.); tradução de Maria Aparecida Baptista. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Repensando ideologia e currículo. In: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Currículo, cultura e sociedade** / Antonio Flavio Barbosa Moreira. Tomaz Tadeu da Silva (orgs.); tradução de Maria Aparecida Baptista. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação popular e educação de jovens e adultos: antes e agora. In: MACHADO, Maria Margarida. **Formação de educadores de jovens e adultos**. Brasília: Secad/MEC, UNESCO, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Currículo, cultura e sociedade** / Antonio Flavio Barbosa Moreira. Tomaz Tadeu da Silva (orgs.); tradução de Maria Aparecida Baptista. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. Antonio Fernando Gouvêa da Silva. **A construção do currículo na perspectiva popular crítica: das falas significativas às práticas contextualizadas**. SÃO PAULO: - Programa de Pós-Graduação em Educação. 2004.

SILVA, Antonio Fernando Gouvêa. **A busca do tema gerador na práxis da Educação Popular**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

Anexo 1:

Estudo de Caso: o abastecimento de água no Conjunto Frei Damião
Segundo pesquisas realizadas pelos alunos da 4ª fase do EJA, foram obtidos os seguintes dados acerca do abastecimento de água do conjunto:

Turma: 1ª fase

ABASTECIMENTO	CASAL	POÇO	NÃO SABE	TOTAL
PAGAM	4	3	-	7
NÃO PAGAM	2	4	-	6
TOTAL	6	7	-	13

Turma: 2ª fase

ABASTECIMENTO	CASAL	POÇO	NÃO SABE	TOTAL
PAGAM	6	3	1	10
NÃO PAGAM	3	3	-	6
TOTAL	9	6	1	16

Turma: 3ª fase

ABASTECIMENTO	CASAL	POÇO	NÃO SABE	TOTAL
PAGAM	8	8	-	16
NÃO PAGAM	2	3	-	5
TOTAL	10	11	-	21

Turma: 4ª fase "A"

ABASTECIMENTO	CASAL	POÇO	NÃO SABE	TOTAL
PAGAM	8	1	-	9
NÃO PAGAM	-	14	1	15
TOTAL	8	15	1	24

Turma: 4ª fase "B"

ABASTECIMENTO	CASAL	POÇO	NÃO SABE	TOTAL
PAGAM	10	5	-	15
NÃO PAGAM	3	9	-	12
TOTAL	13	14	-	27

Turma: 5ª fase "A"

ABASTECIMENTO	CASAL	POÇO	NÃO SABE	TOTAL
PAGAM	3	1	-	4
NÃO PAGAM	2	3	2	7
TOTAL	5	4	2	11

Turma: 5ª fase "B"

ABASTECIMENTO	CASAL	POÇO	NÃO SABE	TOTAL
PAGAM	6	5	-	11
NÃO PAGAM	8	10	-	18
TOTAL	14	15	-	29

Turma: 6ª fase

ABASTECIMENTO	CASAL	POÇO	NÃO SABE	TOTAL
PAGAM	7	3	-	10
NÃO PAGAM	3	3	-	6
TOTAL	10	6	-	16

FORMAÇÃO DE ALUNOS LEITORES E BIBLIOTECA ESCOLAR: COMO SELAR ESTA UNIÃO?¹

Josefa Pollyanne Lafayette da COSTA²

Resumo: O fato de os alunos não gostarem de ler é algo que inquieta professores de diversas áreas, tornando-se cada vez mais comum ouvir-se a frase: “Eu não gosto de ler, professora”. Nesse sentido, essa pesquisa se justifica pela observação, na escola *lócus* desse trabalho, de que os alunos que iniciam os estudos em outra unidade de ensino desconhecem, no atual ambiente escolar, a existência de uma biblioteca, e, principalmente, que os alunos “da casa” não frequentam esse espaço de leitura. Com o intuito de mudar esta situação e estimular os alunos à leitura, esta pesquisadora, promoveu na biblioteca escolar da instituição da qual faz parte, uma “pequena revolução de livros”. A partir da reorganização do espaço - colocando mobiliário e iluminação adequada; e da atualização e reestruturação do acervo, percebeu-se uma mudança de postura por parte dos alunos. A frequência e a permanência dos estudantes na biblioteca aumentaram, o empréstimo de livros cresceu enormemente e o espaço de leitura tornou-se um dos mais concorridos da escola. A experiência tem mostrado que o que leva um não leitor a tornar-se leitor é, além dos livros, um ambiente propício e a orientação no direcionamento para a escolha do que ler. A pesquisa tem como base os pressupostos de Geraldi (2003), Antunes (2002), Koch (2013), PCNs – Ensino Médio (BRASIL, 2000), Kleiman (2005), Bakhtin (2010), Marcuschi (2008), Matêncio (2006) entre outros.

Palavras-chave: Biblioteca; Alunos; Leitura.

Introdução

Experiências leitoras no ambiente escolar e, em especial a partir da biblioteca escolar, não são tão comuns quanto gostaríamos. Por uma só voz, professores de disciplinas distintas reclamam que seus alunos não gostam de ler e os professores de língua portuguesa lamentam o fato, buscando justificativas para explicar: não leem porque são preguiçosos, desinteressados,

¹ Este texto encontra-se publicado nos anais do V Encontro Nacional das Licenciaturas (ENALIC) e do XI Seminário de Iniciação à Docência, realizados na UFRN, em dezembro de 2014.

² Graduação em Letras- Português/Inglês, Especialização em Língua Portuguesa, Mestranda do Proletras. Professora da rede pública estadual de Alagoas em Palmeira dos Índios. Email: pollyannelafayette@hotmail.com.

<http://www.maceio.al.gov.br/semad/saberes-docentes-em-acao/>

não tem estímulo, porque não viveram a experiência no ensino fundamental, não veem isso em casa... a lista é praticamente infindável.

As justificativas são várias, porém, o que fazer? Partindo da premissa de que a escola é responsável por apresentar aos alunos, desde a infância, o mundo das palavras e, com isso, experiências de leitura, surgem os questionamentos sobre o que se tem feito para, efetivamente, ampliar os horizontes e envolver os alunos na dinâmica da leitura. Diariamente, no trabalho em escolas do ensino fundamental e médio é possível comprovar como o hábito de ler é escasso, o desânimo e a falta de foco em atividades de leitura são visíveis e o uso do celular, com interação instantânea, tem mudado hábitos. Considerando que “a participação social e o exercício da cidadania estão diretamente vinculados à prática e uso da leitura” (ANTUNES, 2002, p.26), buscamos, então, promover uma aproximação e uso do acervo existente na biblioteca escolar pelos alunos do ensino médio.

Reafirmando e vivenciando, na prática, as palavras de Silva (1998, p.17) quando, apresentando a sua opinião a respeito de como realizar algo na área da educação, diz que “(...) uma revolução pedagógica na área de leitura (ou em qualquer outra área) não advém do discurso vazio, mas principalmente da ação consciente dos agentes sociais junto às novas gerações (...)”; esta pesquisadora realizou uma “pequena revolução de livros”, buscando dinamizar os espaços de leitura na escola e na biblioteca da escola onde exerce sua função de professora.

Contando com a ajuda de voluntários, alunos leitores ou não, demos início à mudança no ambiente antes considerado “depósito de livros”, transformando-o, verdadeiramente, em espaço propício à leitura. Com intuito de atrair a atenção dos alunos e buscando novos leitores, houve sensibilização em toda a comunidade escolar, principalmente entre alunos, professores e funcionários. A partir dessas atitudes, houve uma transformação visível no espaço e na visão dos alunos, agora leitores assíduos da biblioteca.

Leitura e formação do leitor

Partilhamos a definição de leitura no falar popular e reafirmada por Cagliari (1993, p.150), quando coloca “há um dito popular que diz que a leitura é o alimento da alma. Nada mais verdadeiro. As pessoas que não leem são vazias ou subnutridas de conhecimento.” Não encontraríamos explicação melhor para nos referirmos à leitura e então nos vem a pergunta: por que negar ou esconder o alimento a quem não tem o que comer? O alimento que os nossos jovens tem encontrado de graça tem deixado o estômago - e a cabeça - vazios.

Durante a educação básica, são doze, treze, catorze anos vividos dentro da escola, lendo e escrevendo todos os dias e, mesmo assim, muitos alunos não adquirem o gosto pela leitura. Vê-se, então, que algo não vai bem, compartilhando o que afirma Antunes (2002, p.27), “a escola ensina a ler, mas, geralmente, não ensina a gostar de ler”. Atividades sem objetivo, tendo a leitura como pretexto, não têm contribuído para o envolvimento dos alunos. Sobre essa problemática, recorreremos à definição de leitura de Antunes (2003, p.70) “a leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da língua”. Ainda segundo a mesma autora,

A atividade de leitura favorece, num primeiro plano, a ampliação dos repertórios de informação do leitor. Na verdade, por ela, o leitor pode incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos acontecimentos, do mundo em geral.

Na escola, a leitura dá-se de maneira corriqueira, em diferentes disciplinas, como atividade na busca de informações, em exercícios de leitura e interpretação textual, para posterior resposta a questões definidas; pela imposição e cobrança através de fichas de leituras, provas e similares, tornando o ato de ler “um martírio para o aluno” (GERALDI, 2003, p.61). O que traz inquietação é saber que mais tarde grande parte desses alunos se

<http://www.maceio.al.gov.br/semmed/saberes-docentes-em-acao/>

distanciará da leitura, visto que, não adquirindo o hábito na escola e não vivenciando práticas leitoras em seus lares, as chances desta descoberta vir depois, na fase adulta, são raras.

Para alguns, o contato com o livro e com o texto literário só será possível no ambiente escolar e, a partir deste contato, a vivência poderá prolongar-se pela vida adulta. Cabe ao professor oferecer oportunidades de contato com livros diversificados, temáticas várias, possibilitando a escolha do que o aluno deseja ler. A leitura se efetiva quando aquilo que é lido tem significado para o sujeito leitor; logo, como aponta Antunes (2002, p.19) “do convívio com a leitura, com o livro, com novas ideias é que surge o leitor crítico, criativo, independente”.

Nessa perspectiva, Cagliari (1993, p.150) nos apresenta um futuro bem visível nos dados estatísticos sobre alfabetização e leitura “(...) a escola que não lê muito para os seus alunos e não lhes dá a chance de ler muito está fadada ao insucesso, e não sabe aproveitar o melhor que tem para oferecer para os seus alunos”. Para que a leitura seja um hábito e a compreensão das leituras realizadas seja real, é essencial a leitura na escola, ainda como afirma Marcuschi (2008, p.230) “compreender exige habilidade, interação e trabalho”. Se o aluno não vê a leitura de forma positiva, dificilmente quer “perder seu tempo” lendo um texto mais de uma vez tentando compreendê-lo.

Quando lemos, assumimos uma postura ante o texto. De acordo com Geraldi (2003, p.92), podemos ter “(...) a leitura – busca de informação, a leitura – estudo do texto, a leitura do texto – pretexto, a leitura – fruição do texto.” De acordo com Koch (2013) a interação entre o leitor e o texto também é regulada pela intenção que temos ao ler o texto, são os *objetivos da leitura*. Eles nortearão o modo como a leitura será realizada: em mais ou menos tempo, com mais ou com menos atenção, com maior ou menor interação.

A leitura sempre tem o intuito de buscar informações, na escola ou fora dela (por exemplo, na leitura de uma bula de remédio, uma notícia em um jornal da cidade ou, ainda, para saber como andam as pesquisas sobre a política). A leitura e estudo do texto é antiga conhecida na escola, visto que são

<http://www.maceio.al.gov.br/semmed/saberes-docentes-em-acao/>

atividades recorrentes nas aulas de português; da mesma forma, a leitura do texto, como pretexto para estudo de escolas literárias ou de gramática, está presente nas aulas de língua portuguesa e, também, nos livros didáticos.

A leitura objeto de estudo deste trabalho é a leitura para fruição do texto, ler por prazer, sem a obrigação de, em seguida, escrever algumas páginas sobre o que leu ou elaborar uma ficha de leitura. Move-nos despertar no aluno, a partir do contato com os livros, um estreitamento de relações. Um prender-se a um livro e a outro e, em seguida, mais outro, estabelecendo um ciclo de leituras que fará o aluno amadurecer, conhecer um pouco mais a língua e, principalmente, ter experiências leitoras marcantes na sua caminhada dentro e fora da escola.

Salientam-se nesse sentido, as palavras de Silva (1998, p.30), ao destacar que “dentro de um clima não arbitrário, estaremos fazendo com que o gosto pela leitura realmente se concretize”. Em síntese, sob essa lógica, recorreremos aos dizeres do mesmo autor sobre como surge o leitor. É

257

‘(...) na recuperação do estatuto de liberdade e de prazer a leitura’ e para que se realize de fato (concorrerá para isso um despojamento dos professores no que tange às formas tradicionais de encaminhar a leitura junto aos seus alunos bem como à conquista de condições para que a leitura ocorra menos artificialmente nas salas de leituras e nas bibliotecas).

Partindo da reflexão acima, percebemos o que faltado na escola e nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura: leitura por fruição, prazer por degustar a leitura de um texto interessante, leitura por diversão. Para ilustrar o que foi dito anteriormente, Antunes (2003, p.71) sintetiza:

A leitura possibilita a experiência gratuita do prazer estético, ao pelo simples gosto de ler. Para admirar. Para deleitar-se com as ideias, com as imagens criadas, com o jeito bonito de dizer literariamente as coisas. Sem cobrança, sem a preocupação de qualquer prestação de contas posterior. Apenas sentindo e, muitas vezes, dizendo: ‘Que coisa bonita!’

O que a escola tem oferecido aos estudantes? Recuperando os dizeres de Silva (1992, p.10), “afinal, leitura ou “lei-dura”?”.

A biblioteca no âmbito da escola

É, ainda, privilégio de poucas instituições escolares possuírem uma biblioteca escolar. Algumas instituições de ensino improvisam sala de leitura, outras criam o cantinho de leitura nas próprias salas de aula, buscando envolver os alunos e dar-lhes a oportunidade de convivência com livros.

Dados do Censo Escolar de 2013 (Todos pela Educação) dão conta de que apenas 35% dos 190 mil colégios do país dispõem desse espaço, contrariando uma lei aprovada em 2010, que torna obrigatória a presença de uma biblioteca em cada instituição de ensino, dentro de um prazo de dez anos. Como definição do que é uma biblioteca escolar, recorreu-se a Antunes (2002, p.17-18):

Biblioteca escolar localiza-se em escolas e é organizada para se integrar com sala de aula no desenvolvimento do currículo escolar, do planejamento e de todas as ações que se desenvolvem na escola. Além disso, a biblioteca escolar tem como objetivo despertar a criança para a leitura, desenvolvendo nela o prazer de ler, podendo servir, também, como suporte para a comunidade em suas necessidades de informação.

Vemos, dessa forma, a biblioteca como aliada do professor e do ensino na escola, auxiliando a construção de projetos, oferecendo e disponibilizando material de apoio para fundamentação e pesquisa, direcionando leituras e, por conseguinte, no compartilhamento de saberes. No Manifesto da UNESCO (1999) sobre as bibliotecas escolares, colocam-se as seguintes condições para sua existência e função dentro da escola:

- A biblioteca escolar disponibiliza serviços de aprendizagem, livros e recursos que permitem a todos os membros da comunidade escolar tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efetivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação...
- A biblioteca escolar é essencial a qualquer estratégia de longo prazo nos domínios da literacia, educação, informação e desenvolvimento econômico, social e cultural...
- A biblioteca escolar é um parceiro essencial das redes local, regional e nacional de bibliotecas e de informação...

<http://www.maceio.al.gov.br/semmed/saberes-docentes-em-acao/>

- A biblioteca escolar é parte integrante do processo educativo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais/ PCNs, que visam direcionar as propostas curriculares das escolas de ensino fundamental e médio do país, entendem que a biblioteca escolar é “(...) a primeira das condições favoráveis para a formação de bons leitores, ao lado do acervo de classe e das atividades de leitura” (BRASIL, 1997, p. 58). Porém, numa visita rápida a algumas instituições de ensino ou em conversas com colegas de outras escolas, comprovamos o que se sabe: uma coisa é o que preconiza a lei, o que se quer, outra coisa é o que se tem na realidade. As bibliotecas escolares existentes hoje não estão no patamar das condições que se almejam para estes locais, pelo contrário, estão completamente aquém.

Por outro lado, vê-se que a existência de uma biblioteca no ambiente escolar não garante, necessariamente, seu uso. É comum haver, em algumas escolas, espaços onde os livros são expostos em prateleiras empoeiradas, sem pessoal capacitado para oferecer ajuda a um visitante inexperiente ou mesmo aos mais experientes. Há casos também de livros encaixotados, guardados a “sete chaves” ou mesmo “entulhados” com outros materiais sem uso nas escolas, diferentemente do que se pretende: espaços propícios à leitura, à descoberta e ao estudo. Lugar onde o aluno tenha desejo de entrar, passear com os olhos pelas prateleiras, buscando um título ou uma capa que lhe chame a atenção delongar-se entre uma aula vaga e outra, deliciando-se numa leitura despreziosa.

Ora, para que se alcance o objetivo de uso efetivo da biblioteca na escola e da leitura nesse ambiente, aponta Antunes (2002, p.29) que:

A biblioteca escolar precisa ofertar ao pequeno leitor, e também ao jovem e ao adulto, os materiais de leitura de que necessitam para sua formação, instrução e diversão. Só assim a leitura terá chances de fazer parte da vida das pessoas, se constituindo numa necessidade a ser satisfeita.

Para cumprir com esses objetivos, estar à frente da biblioteca precisa ser um trabalho participativo, de interação, envolvimento, divulgação e leituras

<http://www.maceio.al.gov.br/semmed/saberes-docentes-em-acao/>

diversificadas, não é um trabalho meramente administrativo, mas docente. É uma incoerência trabalhar num local e não conhecer o que ele oferece. Infelizmente não tem sido esta a realidade de escolas públicas municipais e estaduais. Não há concurso específico para o cargo de bibliotecário, limitando à função de “bibliotecários” os professores, perto da aposentadoria ou afastados de suas funções por motivo de doença; além disso, outros funcionários - merendeiras, auxiliares de serviços diversos - na mesma condição, assumem o cargo, motivo que tem causado acomodação e até descaso, visto que não são todos os profissionais que costumam ler e gostam de fazê-lo.

Em síntese, sob essa lógica, reafirmamos o que diz Silva (1998, p.95):

a formação do gosto pela leitura depende do conjunto de interações, do circuito educativo em torno dos livros, sendo que todas as pessoas envolvidas no processo (incluindo bibliotecários, professores, pais, etc...) precisam conhecer referenciais pretendidos pelas obras, precisam sentir a beleza da palavra literária, precisam viver – na prática – o prazer da leitura.”

260

Uma experiência de incentivo à leitura

Dispor de um ambiente cheio de livros não é o suficiente para envolver os estudantes - adolescentes jovens e adultos - num ambiente de leitura, é necessário muito mais. A experiência vivida numa escola pública, situada na cidade de Palmeira dos Índios – AL, mostra que é possível mudar posturas e agir com o objetivo de trazer para os alunos uma vivência através do ato de ler.

Iniciado o ano letivo e com a percepção de que, mês após mês, o número de alunos visitantes da biblioteca escolar era escasso, além de comprovar que os alunos novatos não viam a biblioteca como espaço escolar e que, os “veteranos” também não buscavam esse espaço nem o acervo para consultas e empréstimos, pareceu-nos, então, propício realizar uma intervenção, objetivando mudar essa realidade. Para cumprir com esse objetivo, partilhamos da reflexão de Antunes (2002, p.13), “revitalizar a biblioteca é a estratégia fundamental para qualificação do ensino, a formação

<http://www.maceio.al.gov.br/semmed/saberes-docentes-em-acao/>

do leitor, usuário de biblioteca e da informação na escola e por toda vida.” Com o envolvimento de alunos e funcionários da biblioteca, começamos a mudança.

A primeira atitude deu-se em relação ao espaço físico e a sua organização. A mudança começou a tornar-se perceptível ao abrirmos mão de tempo e recorrermos a alunos voluntários. Com a redefinição do espaço - muito pequeno, diga-se de passagem -, retirando centenas de livros didáticos acumulados ao longo dos anos e que limitavam até mesmo a permanência dos estudantes no local, apareceram, sob os livros retirados, mesinhas que ali estavam desde sempre, só que com a função de aparador. O conserto das lâmpadas reavivou o espaço, antes mal iluminado e impróprio para a leitura.

Em seguida iniciamos a reorganização e reestruturação do acervo, retirando livros ultrapassados, com informações desatualizadas ou muito danificados, e integrando ao acervo novidades há meses encaixotadas; incluímos também doações – dos alunos, professores e comunidade – realizadas numa mobilização promovida pela escola. A vivência desse trabalho proporcionou momentos de muita alegria por percebermos a riqueza que havia na biblioteca e não era utilizada.

Importante frisar o quanto a troca de experiências e de conversas entre os alunos, que foram se achegando à biblioteca escolar, aproximou outros que nunca haviam lido livro algum ou mesmo entrado na biblioteca. Percebemos que alguns alunos não entravam na biblioteca por inibição e por desconhecimento do acervo existente, achando que só havia ali livros velhos e desatualizados, uma leitura “chata”. Foi uma barreira transposta apresentar o acervo atraente para conquistar novos leitores.

Acreditamos nas palavras de Geraldi (2003, p.13), quando afirma sobre que o necessário para incentivar a leitura nos espaços escolares é “recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio – o prazer – me parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de “incentivo à leitura”. Não é possível envolver alguém quando não se está envolvido; só se desperta outra forma de ver as coisas quando, primeiramente, acredita-se no que se faz e enxerga de outra forma as barreiras.

<http://www.maceio.al.gov.br/semmed/saberes-docentes-em-acao/>

Uma maneira de estimular a leitura e o contato com os livros é deixando os alunos livres, lendo por indicação de colegas, pela curiosidade, pela capa, pelo título do livro, etc. É fato: “ler envolve mais do que aprender – a leitura é um prazer para os sentidos e abstração do mundo dos sentidos; é experiência única e individual, evento social e coletivo.” Kleiman (2005, p.8). A troca de experiências leitoras entre os alunos pareceu-nos incentivadora, aqueles mais experientes mostrando-se sempre solícitos, oferecendo títulos já conhecidos aos que nunca haviam lido e queriam começar.

Parece-nos ainda importante frisar, até pela vivência leitora e pela experiência, para gostar de ler nem sempre o primeiro livro foi um clássico, ainda como nos faz refletir Geraldi (2003, p.98), “Nessa caminhada (da leitura) é importante considerar que o enredo enreda o leitor”, ou seja, o texto, o assunto, a história, as personagens de um livro é que prendem, cativam e envolvem o leitor de tal forma que este, a partir de uma experiência bem sucedida com o livro, buscará novas leituras que despertem o mesmo sentimento da primeira.

Pensando assim, percebemos claramente quando direcionamos determinados títulos a um leitor inexperiente, frustrado com leituras anteriores ou a um não leitor. Oferecendo títulos certos, capazes de enredar o leitor, na devolução do livro o depoimento chega diferente “Amei o livro, quero outro”; e assim segue-se uma caminhada iniciada com auxílio de outrem, mas que em algum tempo prosseguirá com mais independência. Neste sentido, a cobrança não acontece, diferentemente do que é comum quando se propõe a leitura de um título pelo professor de português ou literatura.

A participação dos alunos do curso de Letras na escola deu-se através de sequências didáticas com escrita e retextualização de diferentes gêneros textuais, recorrendo às ideias defendidas por Matêncio (2008). Conforme Bakhtin, “a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero do discurso e é através de gêneros que nos comunicamos” (2010, 282), percebemos, portanto, a necessidade do nosso aluno dominar a estrutura de diferentes gêneros para melhor se comunicar. Esta é uma função

da escola: preparar o aluno para ler e produzir textos com autonomia e competência.

Conclusão

A transformação na biblioteca da Escola Estadual Graciliano Ramos estendeu-se e mudou também a cabeça dos alunos. O espaço atraente e a conversa na conquista de visitantes foram decisivos para o sucesso e ampliação do número de leitores frequentando a biblioteca. Confirmamos, então, o que se esperava: aumento no número de visitas e permanência na biblioteca, crescimento de empréstimos de livros e divulgação entre os próprios alunos, extrapolando, inclusive, os limites da escola com a procura de ex-alunos e alunos da universidade para utilização do acervo.

Desde então, muita coisa mudou no espaço designado “biblioteca escolar”. Vê-se um entra e sai de alunos e funcionários que buscam uma leitura descompromissada ou busca de informação, como também encontrando um ambiente agradável para permanecer na escola mesmo quando as aulas acabam.

Utilizando, ainda, as palavras de Marcuschi (2008, p. 228), podemos concluir que a nossa percepção “é, em boa medida, guiada e ativada pelo nosso sistema sociocultural internalizado ao longo da vida”, ou seja, são as nossas vivências, experiências e leituras que nos fazem compreender tudo à nossa volta.

Alegra-nos bastante saber que pequenos gestos podem ser fundamentais na definição de hábitos e na descoberta de prazeres antes desconhecidos. O estímulo à leitura na escola não se limita à sala de aula. Outras situações propiciam o incentivo às primeiras experiências. O desejo é que, dando continuidade na caminhada leitora, esses alunos aprofundem o conhecimento, amadureçam as leituras e tornem-se leitores atentos – de livros e de tudo que está ao seu redor.

Referências

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, Walda de Andrade. **Biblioteca Escolar** – Curso de atualização para professores; manual / Walda de Andrade Antunes. São Paulo: Global, 2002.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso** - Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BRASIL. Ministério de educação. Secretaria de ensino fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Introdução. Brasília: MEC/ SEF, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**/ Luiz Carlos Cagliari. 6 ed. – São Paulo: Scipione, 1993.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula** / João Wanderley Geraldi (org.) – 3 ed. 7ª reimpr. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas (S.P.): Pontes, 2005.
- MANIFESTO UNESCO/ Ifla sobre **A biblioteca escolar**. Disponível no site: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco-es/sistema-estadual-de-bibliotecas-publicas/leituras-recomendadas/BIBLIOTECAS%20ESCOLARES%20MANIFESTO%20DA%20IFLA.pdf>. Acessado em: 27/10/2014.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Cortez, 2008.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**/ Ezequiel Theodoro da Silva. 6 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- _____. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**/ Ezequiel Theodoro da Silva. 6 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

<http://www.maceio.al.gov.br/semad/saberes-docentes-em-acao/>

TODOS PELA EDUCAÇÃO / Levantamento sobre déficit de bibliotecas em escolas no Brasil - Dados por município. Disponível no site:

<http://www.todospelaeducacao.org.br/biblioteca/1473/levantamento-sobre-deficit-de-bibliotecas-em-escolas-no-brasil---dados-por-municipio/>. Acessado em 30/10/2014.

GEOMETRIA: REDESCOBRINDO AS FORMAS GEOMÉTRICAS

Egna Debora MACHADO¹

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo divulgar um relato de experiência realizado numa turma de 3º ano da Escola Municipal Marcos Soriano. Tal proposta consiste em ensinar Geometria por meio do lúdico como agente incentivador no estudo da matemática levando os alunos a perceberem a sua existência no seu cotiando através da associação entre a figura plana X o sólido geométrico X representação concreta. Dessa forma, pretendeu-se confeccionar jogos, sólidos geométricos e brincar com o real, ou seja, utilizar situações da vida prática do aluno onde ele possa identificar a existência do conteúdo trabalhado avançando no processo de ensino e aprendizagem. Conclui-se com essa proposta que trabalhar com o lúdico é fator determinante no processo de ensino e aprendizagem, pois influi na construção e organização dos saberes entre os sujeitos.

266

Palavras chaves: Geometria; Lúdico; Ensino e Aprendizagem;

Introdução

O ensino da matemática tem sido percebido por muitos alunos como algo monótono em que o professor transfere conceitos fundamentais através de aulas tediosas. O ensino da Geometria é muito importante na formação do aluno porque estamos rodeados de formas e ideias geométricas por todos os

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná - UNOPAR. Professora da rede pública municipal de ensino de Maceió. E-mail: egna.debora@hotmail.com

lados. De acordo com o que coloca os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs,

Os conceitos geométricos constituem parte importante do currículo da matemática no ensino fundamental, porque, por meio deles, o aluno desenvolve um tipo especial de pensamento que lhe permite compreender, descrever e representar, de forma organizada, o mundo em que vive. (BRASIL, 2001, p. 55)

Contudo, percebeu-se que o ensino da geometria na referida escola estava sempre relacionado à imagem de figuras compostas por desenhos geométricos em que o professor solicitava que os alunos nomeassem e realizassem a pintura dos mesmos. Posto que, “a Geometria é um campo fértil para se trabalhar com situações-problema e é um tema pelo qual os alunos costumam se interessar naturalmente...” (BRASIL, 2001, p. 55) refletiu-se sobre esse conceito e em conformidade com as orientações dos estudos do Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC, percebeu-se que iniciando com a utilização de materiais concretos, lúdicos e de tecnologias, estaria contribuindo para a eficácia do aprendizado do aluno.

Tendo como subsídio o caderno 5 do Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC planejamos e executamos a referida sequência didática trabalhando o ensino das formas geométricas de maneira que facilitasse a compreensão e construção de conceitos geométricos levando os alunos a compreender que as formas geométricas estão presentes em nosso dia a dia e que, muito além de dar apenas formas ao que nos cerca, a geometria define ambientes, objetos, construções, imagens, etc., exprime suas funcionalidades. Ou seja, ela vem significar e potencializar tudo o que é criado. Com esse pensamento acreditamos que a utilização de materiais concretos, lúdicos e de tecnologias na pedagogia moderna, auxilia e contribui para eficácia do aprendizado do aluno desmistificando a ideia de que a matemática é a vilã entre as disciplinas. Desta forma, a Escola Municipal Marcos Soriano vem trabalhando com projetos de matemática proporcionando ao aluno

perceber a existência de uma relação da matemática com a vivência através do uso de material concreto e atividades lúdicas, possibilitando o maior conhecimento e a utilidade prática no seu cotidiano.

Desenvolvimento das atividades

Tal proposta foi realizada objetivando adquirir conhecimentos na área de Geometria por meio de atividades planejadas junto à orientadora de estudos nos encontros de formação. Para tanto, fez-se uso de diversos recursos pedagógicos como: jogos (tangram), pesquisas, fotos, vídeos, confecção de sólidos geométricos, o computador, as produções escritas individuais e coletivas, estudo das características das formas geométricas, e a observação destas formas ao nosso redor. Os conceitos trabalhados estavam relacionados aos objetos e suas formas a exemplo do cubo, cilindro, cone, pirâmide, paralelepípedo, entre outros.

Para o processo de desenvolvimento dessa proposta optamos em dar início com uma sondagem dos conhecimentos prévios sobre o que os alunos lembravam-se do tema geometria a qual responderam como sendo “o que dava formato às coisas”. A partir daí, ocorreu o desenvolvimento das aulas com base no livro didático adotado para aquele ano mostrando as figuras geométricas planas e suas representações. A exemplo de réstias de objetos contra a luz e marcas decalcadas de sólidos geométricos planos numa cartolina após a imersão de uma lateral em tinta guache.

Na sequencia das aulas (as quais eram duas por semana) solicitou-se que os alunos trouxessem para sala de aula caixas e/ou objetos com formato da face semelhante ao das figuras planas conhecidas naquela aula. Para isso, foi realizada uma discussão com a turma a fim de que refletissem sobre onde e como encontrar cada objeto solicitado. Como produto dessa discussão surgiu como exemplos de “quadrado”, que faz parte do cotidiano deles, porta-retratos, capas de CDs, entre outros e como representações de “círculo”: CDs, porta-

copos, pratos, pratinhos de festa, tampas de potes diversos, etc. com o formato de triângulo surgiram os desenhos de fatias de pizza, estrelas formadas por triângulos, entre outros. Quando de posse desses materiais partimos para o manuseio destes refletindo a respeito da semelhança de cada uma e observando suas características e concluindo que as suas faces assemelham-se às figuras geométricas expostas.

Num outro momento, trabalhou-se com a percepção e reconhecimento de que as “figuras” são planas, por não serem palpáveis, diferentemente dos “sólidos”, que podemos tocar e manuseá-los. Com a continuidade do trabalho, adquirimos novos conhecimentos enriquecendo o vocabulário sobre geometria, como por exemplo, não falando mais “quadrado” diante de um cubo, “cano” diante de um cilindro.

Também foi realizada a experiência de desmontar a caixa de creme dental e perceber sua forma geométrica (paralelepípedo) vinda de um retângulo, identificar suas faces, vértices e arestas e compará-las em número de faces, vértices e arestas com o cubo, onde perceberam a igualdade, porém diferente quanto ao tamanho das suas faces.

Com a prática da confecção dos sólidos geométricos, na proporção que íamos estudando-os e conhecendo-os, fazíamos a sinalização com setas feitas com uso de palitos de dente e tiras de cartolina colando nas peças as quantidades de arestas, vértices e faces dos cubos, pirâmides, paralelepípedos entre outros sólidos deste segmento. Diante desse trabalho, percebeu-se a necessidade de criar “caminhos” por meio do imaginário envolvendo-os nas situações de forma estratégica a fim de levá-los à compreensão do conteúdo aplicado relacionando-o com as ações do seu cotidiano. Como por exemplo, criaram-se algumas situações utilizando as referências do seu contexto, a saber: considerando a casa do aluno X e a barraquinha de cachorro-quente do seu pai como *vértices* compreendia-se que o trajeto seria uma *aresta*. Dessa forma, ocorreu a compreensão de forma leve, gostosa e permanente, pois, com

isso a turma passou a reportar-se às situações sempre com exemplos concretos e reais, ou seja os que estão inseridos nos seus contextos.

Trabalhar com a ludicidade no ensino da Geometria veio corroborar com o que coloca Lorenzato:

A construção do material didático, muitas vezes, é uma oportunidade de aprendizagem. Em sala de aula, é preciso oferecer inúmeras e adequadas oportunidades para que as crianças experimentem, observem, criem, reflitam e verbalizem. As atividades devem ser escolhidas considerando não somente o interesse das crianças, mas também suas necessidades e o estágio de desenvolvimento cognitivo em que se encontram. O professor deve observar atentamente seus alunos, ora com a intenção de verificar se é preciso intervir, no sentido de orientar, ora com a intenção de avaliar seus progressos. As intervenções nunca devem significar uma censura ou crítica às más respostas, mas ser construtivas, [...] Um outro procedimento muito rico pedagogicamente é a realização coletiva das atividades, pois, além de oferecer a socialização das crianças, o conflito sociocognitivo propicia ao professor uma fonte preciosa de informações a respeito do que as crianças conhecem, como e o que estão aprendendo, como pensam e como estão evoluindo. (LORENZATO, 2008, p. 20-21)

270

Dando continuidade desenvolvemos o “jogo da memória geométrica”. O que foi muito bem recebido por todos como jogo a ser inserido durante os momentos do intervalo. O referido jogo foi confeccionado com fichas ilustradas com imagens dos sólidos e fichas com seus respectivos nomes para que formassem pares ao encontrarem as fichas com as figuras dos sólidos geométricos procurando localizar, em seguida, a ficha com os nomes.

A seguir, fotos que registram momentos da socialização dos trabalhos no pátio da escola.



<http://www.maceio.al.gov.br/semad/saberes-docentes-em-acao/>



Percebeu-se a consolidação do aprendizado quando, na sala de aula, fluía naturalmente a comparação diária das figuras e sólidos geométricos com os objetos e imagens do cotidiano deles como: cone/chapéu de bruxa; paralelepípedo/caixa de bombons; cubo/caixa de presentes; cilindro/canudos diversos; esfera/bola de recreação; dentre outros. Posto que, os alunos perceberam e reconheceram que as “figuras” são planas, não palpáveis, diferentemente dos “sólidos”, que podemos tocar e manuseá-los no nosso dia a dia. Diante disso, os alunos puderam perceber que a partir de uma figura plana compõe-se um sólido geométrico e que, este transcende num monumento ou imagem da paisagem que nosso olhar alcança. Com isso, ficou clara a apropriação do tema desta sequência didática executada com tanta dedicação e empenho diário.

Conforme coloca o autor,

Para o aluno, mais importante que conhecer essas verdades matemáticas, é obter a alegria da descoberta, a percepção da sua competência a melhoria da autoimagem, a certeza de que vale a pena procurar soluções e fazer constatações, a satisfação do sucesso, e compreender que a matemática, longe de ser um bicho-papão, é um campo de saber onde ele, aluno, pode navegar. (LORENZATO, 2006, p.25)

Ao final desse trabalho com sólidos geométricos foi feito uma apresentação para as outras turmas da escola (como mostram as fotos acima), expomos nossas produções e relatos orais dos alunos relatando o passo a passo na construção dos trabalhos. Bem como, uma demonstração do que foi apreendido realizando a comparação/associação da figura plana X sólido geométrico X representação concreta.

Considerações finais

Diante do encantamento de todos, tanto pelo trabalho apresentado pelos alunos, quanto pelos conhecimentos adquiridos de forma lúdica e prazerosa,

percebemos a boa aceitação e entendimento da nossa proposta frente ao trabalho realizado e concluiu-se que quando se procura ensinar de uma forma diferente o aluno também direciona seu olhar de mundo de forma diferenciada. Este passa a ter um olhar carregado de curiosidade, de grandes expectativas diante das novidades e ainda, torna-se um sujeito capaz de tomar iniciativas para a execução das atividades de forma construtivas.

Referências:

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**/ Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental.-3ª ed, Brasília: A Secretaria, 2001.

LORENZATO, Sérgio. **Educação Infantil e Percepção Matemática**. Coleção Formação de Professores. 2 ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2008.

_____, Sérgio. **O Laboratório de Ensino de Matemática na Formação de Professores**. Coleção Formação de Professores. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.

A NATUREZA EM UM CLIK: “ATRAVÉS DO OLHAR DOS PEQUENOS”

Lenice Ferreira Lira DA SILVA

Resumo

O presente trabalho revela uma experiência vivida com crianças entre cinco e seis anos do CMEI Casa da Amizade, em Maceió. Esta experiência encontra-se igualmente vinculada aos registros fotográficos do cotidiano na educação infantil, pensado para “encantar a alma e o olhar”. São passeios pelo universo das artes visuais, momentos de alimentação cultural, nos quais os pequenos puderam conhecer e viajar pelos diferentes períodos da arte. Coordenado por esta professora, a referida atividade objetivou proporcionar aos pequenos, experimentarem-se no cotidiano das práticas educativas, de modo a conhecer como a infância é significada nos diferentes espaços institucionais e, dessa forma, refinar a sensibilidade do olhar para as suas vivências, interações e criações culturais, tendo a fotografia como forma de expressão e criação. Imersa nessa intencionalidade, a vivência aqui compartilhada trilhou um, caminho construído com e para os pequenos, permitindo, com isso, uma reflexão mais significativa. Dessa forma, a fotografia é pensada pela via da estética, da poesia, da criação, da brincadeira. Esse reconhecimento implica antes de tudo reafirmar a criança, como sujeito de direitos. E acima de tudo permitir a elas, uma relação de intensidade, de intimidade e pertencimento no mundo. Pensar na criança como ser poético é oferecer a ela possibilidades de “ver as coisas muito além da nossa janela”. A fotografia sob o encantamento da arte permite transbordar a moldura que a cerca. Permite entender que a foto é muito mais do que uma imagem congelada.

Palavras-chave: Infância; sujeito de direitos, ser poético.

Introdução

Este trabalho trata-se de uma sequência de atividades do eixo: Assim se faz Arte, do Projeto Paralapracá. É uma aliança firmada pelo Instituto C&A com a SEMED. O objetivo é contribuir para a melhoria da qualidade do atendimento às crianças na educação infantil, com vistas ao seu desenvolvimento integral. As atividades foram desenvolvidas em nosso ateliê de artes visuais e em nosso pátio externo, como proposta para a I Exposição de Arte nas escolas públicas de Maceió. Atividade esta, desenvolvida não para as crianças, e sim com elas. Isso quer dizer que foi construída a muitas mãos e olhares, mãos de professoras e mãos

pequeninas das crianças, ávidas por conhecer, tocar, experimentar, sentir, enxergar...

Certamente, a participação ativa das mesmas nesse processo de autoria compartilhada entre professora e crianças foi o grande diferencial. Além disso, essa realização contou com a importante contribuição da família que compõe nossa comunidade educacional, a qual caminhou conosco de braços dados durante todo o processo de aprendizagem.

Considerando que a imagem hoje é uma extensão da vida de nossas crianças e de todos nós, que muitas vezes nos flagramos imitando vídeos e imagens das revistas como nosso ideal de vida, a ideia de desenvolver um trabalho com fotografia foi natural e alegremente absorvida pela turma. Nessa perspectiva nasceu a nossa proposta lúdica “A natureza em um CLIK! Através do Olhar dos Pequenos”. Vale salientar, que essa temática sobre a natureza surgiu em uma de nossas rodas de biblioteca, após lermos a poesia: Viveiros de pássaros, (Revista Ciências Hoje para Crianças) muito apreciado por nossos Pequenos Fotógrafos!

Foi partindo da leitura das fotos dos fotógrafos Pedro Martinelli, Sebastião Salgado e Claudio Edinger apresentados através de projeção, e fotos de autoria dos próprios pequenos, tiradas no dia-a-dia, que a experiência educativa se desenvolveu. Este processo de experimentação teve início no 2º semestre do ano de 2014. A apreciação das fotos foi o “start” no processo desta experiência. Logo, percebeu-se uma afinidade natural dos Pequenos Grandes Artistas com a linguagem fotográfica. Durante todo o processo, fomos surpreendidos com várias imagens captadas! Algo realmente se transformou na atitude de “Ver e Clicar” dos pequenos.

O foco primordial dessa vivência foi exercitar o olhar dos pequenos para a visualidade incomum, colocando em prática um olhar mais atento e sem pressa, fazer pensar e refletir sobre sua identidade, transformando a atitude de fotografar em experiência estética através da consciência e manipulação dos elementos da linguagem fotográfica. Interessar-se e demonstrar curiosidade pelo mundo social e natural, formulando perguntas, imaginando soluções para compreendê-lo, manifestando opiniões próprias sobre acontecimentos, buscando informações e confrontando ideias presentes no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998, vol. 3, p175).

Essa experiência nasceu a partir do que as crianças vivenciavam em sua rotina e apresentavam como desejo. Diante desse feito, a educação infantil convida o educador a ativar todas as suas percepções, pois as crianças se manifestam por meio de múltiplas linguagens, que são as diferentes configurações das crianças interagirem como o mundo que o cerca.

Objetivos:

Através da utilização da linguagem fotográfica na turma de 2º Período da Ed. Infantil, no CMEI Casa da Amizade do Município de Maceió/AL, promover uma maior conscientização do seu espaço escolar.

- ✓ Proporcionar aos alunos a experiência com uma vertente artística (fotografia).
- ✓ Promover a sensibilidade do olhar.
- ✓ Desenvolvimento da imagem do meio escolar através da ludicidade, utilizando a imagem fotográfica produzida pelas próprias crianças.
- ✓ Interessar-se e demonstrar curiosidade pelo mundo social e natural, formulando perguntas, imaginando soluções para compreendê-lo, manifestando opiniões próprias sobre acontecimentos, buscando informações e confrontando ideias (RCNEI, 1998, vol. 3, p175).
- ✓ Promover autonomia e identidade através das próprias produções inseridas no coletivo.
- ✓ Desenvolver a noção de pesquisa junto às crianças, demonstrando a importância da mesma na construção do conhecimento.
- ✓ Estabelecer algumas relações entre o meio ambiente e as formas de vida que ali se estabelecem (RCNEI, 1998, vol. 3, p175).
- ✓ Valorização de atitudes de manutenção e preservação dos espaços coletivos e do meio ambiente (RCNEI, 1998, vol. 3, p184).
- ✓ Utilização das mídias (Câmera fotográfica digital, celular, computador, material impresso e DVD – TV e Projetor de multimídia) como aliadas no processo educacional.

Justificativa:

Sendo a criança um ser humano de pouca idade que sonha, deseja, tem objetivo, um ser social de direitos, que produz cultura e história e é produto dela. Nesse sentido, antes de iniciarmos qualquer reflexão a cerca do que pretendemos para a educação infantil, é necessário considerar que as crianças têm suas próprias impressões e ideias, que elas têm suas próprias interpretações sobre o fazer artístico. Elas exploram, sentem, agem, refletem e elaboram sentidos de suas experiências e a partir daí constroem significações sobre como se faz, o que é, e para que serve sua produção. Diante disso, como respeitar as manifestações e necessidades das crianças e oportunizar a elas o contato com suas múltiplas linguagens? O poema de Malaguzzi (1997) revela-nos que a infância persiste em seus modos de ser. O criar, o brincar, o sonhar, o estar com o outro, e tantas outras expressões contínuas das crianças esbarram nos mandos e desmandos dos adultos, no entanto, as crianças transgridem, vão além, para nos dizer que as “cem linguagens” existem e que devem ser consideradas, especialmente na educação infantil.

Nas interações que os pequenos estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas, com o meio e a cultura, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio, principalmente de uma ação lúdica explicitam suas condições de vida e seus anseios e desejos. Neste contexto a fotografia se mostra como uma ferramenta importante na compreensão pela criança do mundo em que vive de forma lúdica e prazerosa.

Assim, a presente atividade busca a integração de uma importante ferramenta para a educação: a fotografia com as demais mídias ora mencionadas, a construção de imagens sobre o ambiente escolar e, sobretudo, autonomia na produção das atividades.

Metodologia

Foram cerca de quatro semanas de experimentações trabalhando com uma metodologia bastante lúdica, buscando unir teoria e prática a partir de um estudo experimental, com exercícios de observação espacial e obtenções fotográficas, adequando um exercício de percepção do ambiente da escola, sob a ótica e o Olhar curioso dos pequenos.

A atividade foi aplicada em cinco distintos momentos. Passo a passo.

1º Momento - Na roda de conversas, apresentar a proposta com a técnica: fotografia e o ato de fotografar (DUBOIS, 2017); mostrar várias fotografias e fazer perguntas sobre o que é aquele material (imagem fotográfica), o que veem, bem como a importância de um ambiente escolar saudável, preservação deste, entre muitas outras relacionadas com o tema.

2º Momento - Apresentar algumas respostas às questões anteriores, por meio de discussão oral e de imagens, sobretudo, no que se refere, à fotografia (produção, utilidade, etc.); em seguida, realizar uma atividade brincante: “brincando de ser fotógrafo” (fotos 01, 02, 03, 04, 05).

3º Momento - Assistir a projeção e explanação oral da educadora sobre um breve histórico da história da fotografia e explorar os materiais fotográficos expostos em sala (ver foto 06).

4º Momento - Apresentar como conduziremos a atividade, explicando que cada criança produzirá, no mínimo, cinco fotografias do ambiente escolar, de lugares que acham bonitos, gostam e se sentem bem, utilizando elas próprias a câmera fotográfica digital (do celular da profa.), demonstrando com isso a importância de se observar o ambiente no qual vivemos e desfrutamos dele. Em posse das fotos, gravar as fotografias em mídias, Pen Drive, sob a forma de slides, e, à medida que for selecionando, os pequenos irão nomeá-las.

5º Momento - Participar de atividades coletivas e individuais da (Sucatoteca) na confecção de uma câmara escura (produção coletiva) e câmeras fotográficas a partir de materiais de sucata (fotos 07,08). Impressão das fotografias selecionadas para composição do painel para exposição (fotos 09, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18,19). E como produto final, para a socialização do eixo temático Assim se faz Arte:

produção de um painel (com esteiras) das fotografias produzidas sobre os ambientes escolares para expor na I Exposição de Artes as fotografias impressas produzidas pelos pequenos; apresentação do painel com as fotografias (demonstrado pelas crianças com mediação da educadora).

Resultados

Cada etapa foi avaliada através do interesse, participação e principalmente dos registros orais dos pequenos, onde puderam refletir a respeito do que estavam fotografando. Esse processo de aprendizagem permitiu o alargamento de horizonte para todos os sujeitos envolvidos – crianças, professores, família, profissionais da própria instituição – o que é próprio à proposta de atividades e projetos, que é a forma com que nosso CMEI optou para materializar e traduzir nossa concepção de currículo.

Foi um trabalho de curta duração, mas iniciou um processo de investigação e possibilidade de aprofundamento com a experiência estética da fotografia que continuou se desdobrando durante todo ano.

Nesse sentido, ao se expressarem através da pesquisa, da comparação, da experimentação, da crítica, do diálogo como também da observação sensível, às crianças estabelecem um laço entre o presente e o futuro. Onde a atividade proposta se configura como uma forma de organizar o trabalho pedagógico convocando os sujeitos envolvidos em uma participação ativa de coautoria do seu caminho de investigação e aprendizagem.

O primeiro efeito percebido desse trabalho é no campo das aprendizagens das crianças, tanto no que diz respeito aos conhecimentos sistematizados nos mais diversos campos quanto no tocante ao aumento da qualidade de suas interações. O tema: “A natureza em um Cliq!” E o ato de fotografar, convida à sociabilidade permeada pelo respeito aos colegas, quanto às suas escolhas, sensibilidades, bem como ao auto crescimento na superação dos obstáculos físicos e emocionais. A atitude de cooperação e de incentivo uns aos outros foi predominante ao final deste trabalho, em que as crianças conseguiam reconhecer as vitórias dos colegas e de si

mesmos ao participarem de momentos tão prazerosos e emocionantes como o ato de fotografar!

Contudo, foi uma experiência singular e de um valor imensurável, nessa trajetória como educadora- mediadora fazer parte desse processo. E, principalmente, poder contribuir de forma significativa na vida dos Pequenos Grandes Artistas. Pois, trabalhar com fotografias é uma atividade mágica e traz diversas possibilidades de aprendizagem. Desfrutamos de momentos encantadores de muito aprendizado e trocas permeadas por essa vivência.

Referências

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**/Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol. 2 e 3: Formação pessoal e social e Conhecimento de Mundo.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico e outros ensaios**. São Paulo: Papyrus, 2007.

MALAGUZZI Loris: Invece il cento c'è. In: _____. Edwards, C., Gandin, L. i Forman, G. **I cento linguaggi dei bambini**. Edizione Junior, Italia, 1995 e recente mente publicada em português pelas Artes Médicas como: *As Cem Linguagens da Criança*. Com ilustração de TONUCCI, Francesco. *Com olhos de criança*. (trad. Patrícia Chittoni Ramos). Porto. Alegre: Artes Médicas, 1997.

Revista Ciência Hoje das Crianças. Ano 20, n. 180, jun., 2007.

Anexo

Brincando de ser fotógrafo



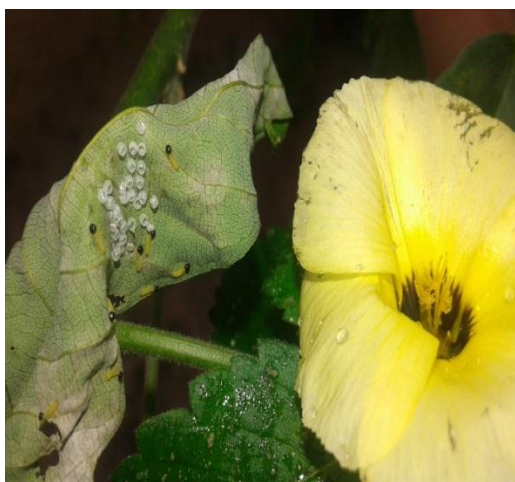
281



Projeção das fotos e breve produção coletiva câmara escura



Fotos produzidas pelos pequenos fotógrafos



As lagartinhas (Davidy)



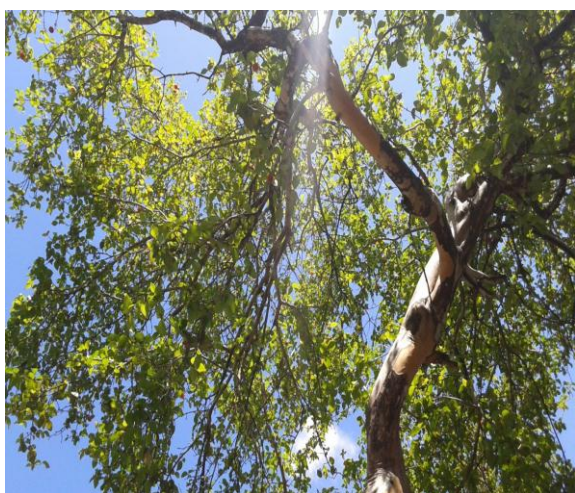
Ovos de lagartas (Ester)



Nossa amiga Duda (Davidy)



Casa de cupim (Grazielle)



A árvore encantada (Davidy)



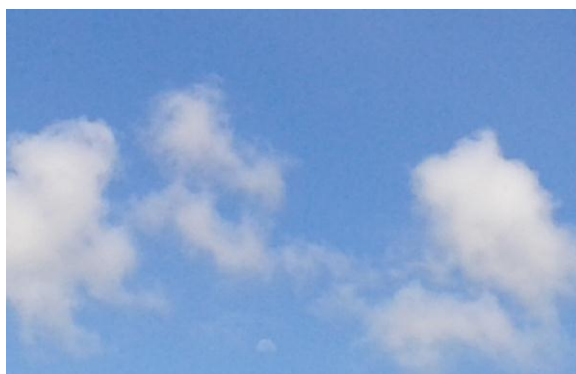
Os três amigos (Gabriel)



Pé de coco (Krislayne)



A folha mordida (Grazielle)



Lua invisível (Kauã)



Comedouros de pássaros (Henrique)



Bananeira (Marina)

I Exposição de artes CMEI CASA DA AMIZADE

O nosso grande dia!

“A arte de fotografar pelos pequenos grandes fotógrafos”



(Grazielle, Fabricio, Ednaldo, David, Henrique, Marina, Ester, Gabriel, Kauã)





Painel ilustrativo com as fotos



Câmaras produzidas na sucatoteca

OFICINA MAIS COMUNICAÇÃO ENSINA TÉCNICAS DE TEXTO, FOTO E AUDIOVISUAL EM MACEIÓ

Adriana Thiara de Oliveira SILVA¹
Delane Barros dos SANTOS²
Maria Janaina de Farias SOARES³

Resumo

Euforia, barulho, trabalho em equipe, fotos, entrevistas, gravações e muitos textos para um blog. Dicas de uso das mídias digitais, redes social, etiqueta profissional e oratória. Esta poderia ser a descrição da rotina de uma redação de jornal ou site, mas foi o resultado das Oficinas Mais Comunicação, realizada pelo Departamento de Comunicação da Secretaria Municipal de Educação de Maceió (Semed), em parceria com o Projeto Mais Educação. A iniciativa do Decom teve como objetivo promover a comunicação participativa e o senso crítico entre os jovens atendidos pelo Programa Mais Educação e encontrou na atividade uma forma de motivar os alunos a se envolver com a escola, as aulas e a comunidade. Nesse relato de experiência, esperamos estimular a interdisciplinaridade e a transversalidade na Rede Pública.

288

Palavras-chave: Comunicação; Jornalismo; Educação

Introdução

A Rede Pública Municipal de Ensino de Maceió atende cerca de 55 mil alunos, de acordo com o censo escolar de 2014. Dessa clientela, cerca de 40%

¹ Possui graduação em Relações Públicas pela Universidade Federal de Alagoas (2011) e graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas (2003). Especialista em Comunicação Empresarial pelo Cesmac e pós-graduanda em Gestão de Projetos pela FGV. Professora dos cursos de Relações Públicas da UFAL e Publicidade e Propaganda da UNIP/Assupero/Facima. Professora do Instituto Federal de Educação de Alagoas-IFAL

² Secretária Municipal de Educação de Maceió

³ Possui graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas (conclusão em 2002) e pós-graduação em Gestão da Comunicação e Marketing Institucional, pela Universidade Castelo Branco (conclusão em 2007). Atualmente é Diretora de Comunicação da Secretaria Municipal de Educação de Maceió

são de alunos fora de faixa. Nesse grupo, estão inclusos os estudantes de 15 a 17 anos, atendidos pelo Programa Mais Educação.

Preocupados com a evasão escolar e a motivação dos estudantes do programa, a coordenação do Mais Educação em Maceió, sob a gestão da Secretaria Municipal de Educação da capital (Semed), trouxe tal situação ao conhecimento do Departamento de Comunicação (Decom) dessa Secretaria que, como assessores, procuraram entender a situação e propor uma ação que estimulasse a permanência desse grupo de estudantes no programa.

Embasados no conceito do Viva Escola, programa estruturante da Semed, cujo escopo é composto por quatro áreas – pedagógico, infraestrutura, gestão e recursos humanos – que são interdependentes, o Decom por se sentir partícipe do processo de Educação, fez um recorte na área pedagógica e, mediante o cenário desenhado pela coordenação do Mais Educação, trouxe à tona uma proposta.

A sugestão proposta pela Comunicação, diante do cenário e aproveitando a experiência dos profissionais do setor, envolvia além das atividades que fazem parte do escopo do Programa Mais Educação, que oferecem no contra-turno aulas de música, arte, dança e esporte, uma atividade que pudesse convergir todas estas em um ambiente virtual que fosse produzido e mantido pelos próprios estudantes. Após esta etapa, seria seguido com outros encontros que serviriam de sustentação e estímulo a continuação dos estudantes na vida escolar. Surge então a proposta da Oficina Mais Comunicação.

Com foco em comunicação e educação, com vistas a promover a comunicação participativa e o senso crítico entre os participantes, jovens de 15 a 17 anos, atendidos pelo Programa Mais Educação, a oficina atenderia, inicialmente, 20 alunos e, ao final, deveria deixar o legado do uso das plataformas digitais como caminho para o exercício da cidadania, participação social e uso da linguagem, e, as atitudes interpessoais como forma de qualificar os relacionamentos.

Material e metodologia

Para alcançar o objetivo proposto, inicialmente foi feita uma releitura da metodologia utilizada nos eventos nacionais do Mais Educação, nos quais estudantes são, ao mesmo tempo, participantes e protagonistas. Nessa perspectiva, além de assistir às palestras e participar das aulas, os estudantes foram estimulados e orientados para a produção de textos e fotos para registros de sua participação, e, posteriormente, a desenvolver atitudes e habilidades de relacionamento e comunicação que os ajudariam em seus projetos de vida.

A Oficina Mais Comunicação foi planejada para reforçar que o processo de comunicação deve ser compreendido como algo natural e que todos os estudantes envolvidos podem se apropriar dos conhecimentos e ser agentes de mudança em sua comunidade, e principalmente, em suas vidas.

Na dinâmica das oficinas, os participantes, teriam a possibilidade de aprender em primeiro plano (encontro 1) sobre produção de textos, fotografias e internet, tendo a possibilidade de exercitar e vivenciar, em atividade prática, como é a construção da informação/notícia e como ela influencia na rotina do indivíduo.

Posteriormente, nas duas outras oficinas, de menor duração, a desenvolver habilidades e atitudes que favoreçam na construção e planejamento dos projetos de vida, onde foram abordados temas como uso das mídias digitais e redes sociais, etiqueta social e profissional, e, oratória.

Oficina 1

Participaram da primeira oficina os servidores do Decom, jornalistas Adriana Thiara Oliveira, Adriana Cirqueira, Janaína Farias e Delane Barros, além do Relações Públicas João de Oliveira Filho, e o estudante Erick

Nogueira, se dividiram por área de atuação, com a finalidade de ensinar aos alunos como fazer uma cobertura jornalística, técnicas que deveriam ser utilizadas para registrar o I Encontro sobre Políticas de Adequação Idade/Ano para Jovens de 15 a 17 anos, evento produzido e conduzido pela coordenação local do Mais Educação, no Centro da capital alagoana, do qual os estudantes participariam em seguida.



Fonte: Produção dos estudantes

A oficina foi dividida em três encontros. Em cada um, os estudantes participantes eram estimulados a aprender sobre as técnicas de comunicação jornalística, escolhida como mote de atração. No primeiro encontro, todos reunidos em um laboratório de informática da Semed, tiveram aulas sobre a história, teoria e técnicas de texto, foto e vídeo. Nesse momento, foi criado o blog www.oficinamaiscomunicacao.blogspot.com, ambiente virtual que convergiria todos os esforços e produção dos estudantes. No segundo encontro, os estudantes saíram de sala e foram praticar os conhecimentos. Escreveram notas, fotografaram e filmaram. O engajamento foi percebido nesse instante.



Fonte: Produção dos estudantes

No terceiro e último momento, foi durante o evento já mencionado, o I Encontro sobre Políticas de Adequação Idade/Ano para Jovens de 15 a 17 anos, quando eles fizeram a cobertura jornalística do evento.

292



Fonte: Produção dos estudantes

Cabe registrar que durante os encontros, estava nítida a euforia dos estudantes e o envolvimento com a proposição da atividade, principalmente no segundo encontro, quando os jovens saíram pelo estacionamento e salas da Semed para cumprir suas pautas. Além disso, eles tiveram a possibilidade de interagir com os equipamentos (câmeras semiprofissionais, computadores e smartphones) e escrever textos para serem publicados na internet.

Participaram da Oficina Mais Comunicação 20 estudantes, representantes das Escolas Municipais Jayme Miranda, Haroldo da Costa e Manoel Pedro.



Fonte: Produção dos estudantes

Oficina 2

Estimulados pelo desafio, a segunda Oficina Mais Comunicação atendeu a cerca de 120 estudantes. Nessa segunda etapa do projeto, os estudantes assistiram atentamente palestras sobre “Os jovens e as mídias sociais”, ministrada pela equipe de Comunicação da Secretaria de Educação de Maceió (Semed), desta vez pelos jornalistas Adriana Thiara Oliveira, Delane Barros e Janaina Farias.

Na dinâmica dessa segunda oficina, os jornalistas se dividiram para compartilhar sobre os perigos e vantagens de estar num ambiente virtual e usar as redes sociais. Com vídeos, dinâmicas de grupo e uma conversa franca, os mais de 100 participantes tiveram a possibilidade de refletir sobre como as mídias digitais podem ser aliadas na busca de informações e como pode ser um ambiente favorável aos relacionamentos.



Fonte: Arquivo Decom Semed

294

Após a oficina, que durou cerca de uma hora, os participantes ainda puderam saber sobre como ingressar no Instituto Federal (Ifal) e ouviram sobre os cursos oferecidos pelo Senac e outros programas e projetos que estimulam a formação, como forma de orientar em seus projetos de vida. A culminância foi no auditório da Procuradoria Geral de Maceió (PGM) e contou com a presença de estudantes do Programa Mais Educação de Rio Largo e São Miguel dos Campos.



Fonte: Produção dos estudantes

Oficina 3

Encerrando o ciclo de oficinas, a última série dos encontros se deu durante a Bienal do Livro. Nesse último encontro, 80 estudantes das Escolas Haroldo da Costa e Zumbi dos Palmares, receberam orientações sobre etiqueta social e profissional, bem como técnicas de oratória.



Fonte: Arquivo Decom Semad

Durante 2 horas, a equipe de jornalistas Adriana Thiara Oliveira, Delane Barros e Janaína Farias conduziram os estudantes por um caminho de compreensão de como atitudes podem fazer toda a diferença das escolhas pessoais e profissionais.

Saber se comportar, ouvir, respeitar as diferenças, postura, organização das ideias, fazer um discurso ou apresentação. Essas foram algumas das temáticas abordados com os estudantes.



Fonte: Arquivo Decom Semad

Resultados e discussões

296

Como principais resultados da iniciativa, destacamos, além do trabalho articulado entre áreas da Semad e o esforço de se fazer comunicação fora da instituição, tendo a percepção desse instrumento como parte dos processos de aprendizagem.

Não obstante, a mudança de percepção sobre a informação/notícia e como cada indivíduo é responsável socialmente por ela. Nos relatos dos participantes, registrados no blog que foi construído, temos depoimentos dos estudantes, diretores e professores que participaram ou acompanharam a realização da Oficina.

Entre eles, o de Eliene Alves, coordenadora do Mais Educação da Escola Municipal Haroldo da Costa, a qual acompanhou as oficinas e o trabalho final do projeto. Segundo ela, os estudantes disseram que aprenderam algo novo, que foi lidar com a informação e as tecnologias.

Outro depoimento relevante foi o do estudante Pedro Willy, de 16 anos. Durante a execução da metodologia, Pedro foi um dos alunos mais aplicados e

participativos. Ao ser questionado sobre sua participação na Oficina, ele se emocionou. “Eu nunca imaginei que iria pegar em uma câmera ou em equipamento tecnológico. Eu aprendi o que não imaginava ser possível”, disse sorrindo e com olhos brilhantes. Se será fotógrafo, ainda não sabe, mas o jovem garante que vai fotografar bastante agora.

Conclusão

A Oficina foi considerada como uma oportunidade de transformar a visão que os adolescentes têm de sua realidade. A oportunidade de participar ativamente de uma atividade como esta foi um divisor de águas na história de vida desses estudantes.

Toda a produção de fotos, textos, podcasts e vídeos está disponibilizada e pode ser conferida através do endereço eletrônico www.oficinamaiscomunicacao.blogspot.com. Ao final, cada estudante foi estimulado a usar suas redes sociais, a exemplo do Facebook, para continuar aplicando as técnicas aprendidas e se engajar nas atividades escolares, transpondo-as para o ambiente virtual.

A metodologia da Oficina Mais Comunicação deve ser replicada com outras escolas que possuem o Programa Mais Educação ou que façam a adesão a iniciativa, por ter sido considerada relevante na formação dos estudantes.

Referências bibliográficas

FENAJ. Manual de Assessoria de Comunicação. 4ª ed. Brasília: Fenaj, 2007.

MACEIÓ. Portal da Prefeitura. Disponível em

[http://www.maceio.al.gov.br/semad/noticias/alunos-fazem-cobertura-](http://www.maceio.al.gov.br/semad/noticias/alunos-fazem-cobertura-jornalistica-em-oficina-mais-comunicacao-2/)

[jornalistica-em-oficina-mais-comunicacao-2/](http://www.maceio.al.gov.br/semad/noticias/alunos-fazem-cobertura-jornalistica-em-oficina-mais-comunicacao-2/), acessado em 20.03.2015.